



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ -REITORIA DE PESQUISA, PÓS - GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL - PPGExR**

GLEIDNEIDE EVANGELISTA DOS SANTOS

**“ Enquanto tiver forças para tocar, essa banda não vai acabar”
DESAFIOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS EM RODAS DE CONVERSA DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MANDI, MUNICÍPIO
DE ANDORINHA-BA.**

JUAZEIRO

2025

GLEIDNEIDE EVANGELISTA DOS SANTOS

**“Enquanto tiver forças para tocar, essa banda não vai acabar”
DESAFIOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS EM RODAS DE CONVERSA DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MANDI, MUNICÍPIO
DE ANDORINHA-BA.**

Dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de mestre em Extensão Rural, pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Orientador: Prof. Dr. Nilton de Almeida Araújo
Coorientador: Prof. Dr. Vanderlei Souza Carvalho

JUAZEIRO

2025

Santos, Gleidneide Evangelista
S237e “Enquanto tiver forças para tocar, essa banda não vai acabar” Desafios,
memórias e narrativas em rodas de conversa da comunidade tradicional de
fundo de pasto Mandi, município de Andorinha-Ba. / Gleidneide Evangelista
Santos. – Juazeiro-BA, 2025.

93 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) Universidade Federal do Vale
do São Francisco, Espaço Plural, Juazeiro, 2025.

Orientadora: Prof^o. Dr. Nilton de Almeida Araújo.

1. Comunidade rural. 2. Rodas de conversa. 3. Identidade cultural. I.
Título. II. Araújo, Nilton de Almeida. III. Universidade Federal do Vale do São
Francisco.

CDD 301.35

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO - UNIVASF
PRÓ -REITORIA DE PESQUISA, PÓS - GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL - PPGExR**

FOLHA DE APROVAÇÃO


GLEIDNEIDE EVANGELISTA DOS SANTOS

**“ Enquanto tiver forças para tocar, essa banda não vai acabar”
DESAFIOS, MEMÓRIAS E NARRATIVAS EM RODAS DE CONVERSA DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO MANDI, MUNICÍPIO
DE ANDORINHA-BA.**


Dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de mestre em Extensão Rural, pelo Programa de Pós-graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Aprovada em: 25 de agosto de 2025


Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **NILTON DE ALMEIDA ARAUJO**
Data: 24/09/2025 10:02:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Nilton de Almeida Araújo, Doutor, UNIVASF)

Documento assinado digitalmente
 **JOSE HERMOGENES MOURA DA COSTA**
Data: 23/09/2025 15:33:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(José Hemógenes Moura da Costa, Doutor, UNIVASF)

Documento assinado digitalmente
 **LOURIVAL DOS SANTOS SAMPAIO**
Data: 23/09/2025 10:53:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Lourival dos Santos Sampaio, Mestre, UNIVASF)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e coragem concedidas para alcançar esta etapa da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Nilton de Almeida Araújo, por sua orientação firme, apoio constante, incentivo, paciência e, principalmente, pelo respeito e compreensão ao longo de toda a caminhada. Nos momentos mais difíceis da formação acadêmica, seu apoio foi essencial para que eu não desistisse.

Ao Prof. Coorientador, Vanderlei Souza Carvalho pelas contribuições valiosas por meio de sugestões, conselhos e colaboração fundamental nesta etapa do percurso.

Aos professores que participaram da minha banca de defesa, cujas contribuições, por meio de sugestões e críticas construtivas, foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

À Universidade Federal do Vale do São Francisco e ao Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, pela oportunidade de cursar o mestrado, e aos professores, pela rica mediação do conhecimento ao longo dessa jornada.

À minha família, especialmente à minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional durante toda a trajetória. À minha prima Natália, pelo acolhimento em sua casa durante o período das aulas, sempre com carinho e dedicação.

Ao amigo Agnaldo Júnior Figueiredo, companheiro de jornada, cuja alegria e bom humor aumentaram as viagens mais nítidas e dificuldades.

Às amigas Neiane Conceição Cruz e Paula Jeane Aleixo, pela amizade, palavras de carinho e incentivo nos momentos em que pensei em desistir.

À Comunidade Agropastoril de Fundo de Pasto de Mandi, lideranças, associação e moradores pelo acolhimento generoso e pela participação ativa na pesquisa, permitindo a realização deste trabalho e o acesso a conhecimentos tão valiosos.

Gratidão é a palavra que melhor define o sentimento por essa comunidade, que me recebeu de braços abertos e possibilitou a vivência e o registro de sua história.

RESUMO

A pesquisa concentrou-se nas comunidades tradicionais de fundo de pasto do Semiárido brasileiro, com destaque para a Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de Mandi, situada no município de Andorinha – BA. O estudo teve como objetivo analisar como as rodas de conversa podem contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e para a valorização dos saberes e práticas locais, considerando o modo de vida da comunidade e sua organização social. Para alcançar esses objetivos, adotou-se uma abordagem qualitativa que integrou diferentes procedimentos metodológicos: observação direta, registro sistemático por meio de diário de bordo e realização de rodas de conversa. Essas rodas configuraram-se como espaços participativos e colaborativos, nos quais moradores e lideranças dialogaram abertamente, compartilharam experiências, resgataram memórias e refletiram sobre práticas e tradições que marcam a vida no campo. A participação foi voluntária, ocorrendo mediante convite e apresentação prévia dos objetivos do estudo, seguida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A partir dessas interações, foi possível identificar e documentar elementos culturais e saberes transmitidos entre gerações, reforçando a importância das vivências rurais para a manutenção da identidade coletiva. Como produto final, elaborou-se um podcast com a participação de membros da própria comunidade, que compartilharam o tema a partir de suas perspectivas e experiências pessoais. Os resultados revelaram que a iniciativa promoveu o fortalecimento da identidade cultural e a valorização dos saberes tradicionais de Mandi, com destaque para o expressivo engajamento dos jovens que participaram das atividades. Contudo, observou-se que a presença desse público foi numericamente reduzida, apontando para a necessidade de ampliar sua participação de forma contínua, a fim de assegurar a preservação e a transmissão dos conhecimentos e práticas culturais para as futuras gerações.

Palavras-chave : Fundo de pasto; Identidade cultural; Comunidade tradicional; Rodas de conversa.

ABSTRACT

The research focused on the traditional fundo de pasto communities of the Brazilian semi-arid region, with emphasis on the Traditional Fundo de Pasto Community of Mandi, located in the municipality of Andorinha – BA. The study aimed to analyze how conversation circles can contribute to strengthening cultural identity and valuing local knowledge and practices, considering the community's way of life and its social organization. To achieve these objectives, a qualitative approach was adopted, integrating different methodological procedures: direct observation, systematic recording through field diaries, and the implementation of conversation circles. These circles were configured as participatory and collaborative spaces in which residents and community leaders engaged in open dialogue, shared experiences, retrieved memories, and reflected on practices and traditions that shape rural life. Participation was voluntary, occurring through invitation and a prior presentation of the study's objectives, followed by the signing of the Free and Informed Consent Form (FICF). From these interactions, it was possible to identify and document cultural elements and knowledge transmitted across generations, reinforcing the importance of rural experiences in maintaining collective identity. As a final product, a podcast was produced with the participation of community members, who shared the theme from their perspectives and personal experiences. The results revealed that the initiative fostered the strengthening of cultural identity and the appreciation of traditional knowledge in Mandi, with particular emphasis on the significant engagement of young participants in the activities. However, it was observed that the number of young participants was relatively low, highlighting the need to expand their continuous involvement in order to ensure the preservation and transmission of cultural knowledge and practices to future generations.

Keywords: Fundo de pasto; Cultural identity; Traditional community; Conversation circles.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------|---|----|
| Figura 1 - | Mapa de Andorina | 32 |
| Figura 2 - | Associação da Comunidade de Mandi | 33 |
| Figura 3 - | Rodas de conversa | 34 |
| Figura 4 - | Dinâmica da bexiga - Porta de diálogo e memória | 37 |
| Figura 5 - | Capela | 41 |
| Figura 6- | Chapéu de couro | 61 |
| Figura 7- | Criação de galinhas | 63 |
| Figura 8- | Criação de caprinos | 65 |
| Figura 9- | Confecção de crochê | 69 |
| Figura 10- | Procissão da celebração de Santana | 70 |
| Figura 11- | Banda de pífano | 74 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| CAFFP | Central das Associações de Fundos e Fecho de Pasto |
| NEAFRRAR | Núcleo de Estudos Étnicos e Afro - Brasileiros |
| MDA | Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar |
| PIBEX | Programa Institucional de Bolsa de Extensão |
| INCRA | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| CDRU | Concessão de Contratos de Concessão de Direito Real de Uso |
| SEPROMI | Secretaria de Promoção da Igualdade Racial |
| STF | Supremo Tribunal Federal |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. |
| FETRAF-BA | Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Estado da Bahia |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| PROUNI | Programa Universidade para Todos |
| SINTRAF | Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Participação nas reuniões da comunidade de Mandi | 42 |
| Gráfico 2 - Idade dos participantes | 43 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. OBJETIVOS | 19 |
| 3. REVISÃO DE LITERATURA | 20 |
| 3.1 Fundos de Pasto: Contexto, Desafios da Regularização e os Fechos de Pasto | 20 |
| 3.2 Tradições culturais para o fortalecimento de comunidade de Fundo de Pasto | 22 |
| 3.3 Podcast na divulgação e valorização dos saberes tradicionais | 24 |
| 3.4 Rodas de conversa como espaço de construção coletiva | 26 |
| 3.5 A comunidade de fundo de pasto de Mandi: Cultura, sustentabilidade e resistência no Sertão Baiano | 28 |
| 4. MATERIAIS E MÉTODOS | 31 |
| 4.1 Localização do estudo | 32 |
| 4.2 Caracterização da comunidade de fundo de Pasto de Mandi | 33 |
| 4.3 Rodas de conversa | 34 |
| 4.4 Análise dos dados | 37 |
| 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO | 40 |
| 5.1 Vivências comunitárias e memórias afetivas como fortalecimento da identidade cultural..... | 40 |
| 5.2 Surgimento da associação agropastoril da comunidade fundo de pasto de Mandi..... | 46 |
| 5.3 Potencialidades e fragilidades..... | 57 |
| 5.4 Tradições e práticas culturais..... | 70 |
| 5.5 Importâncias das rodas de conversa..... | 76 |
| 5.6 Podcasts: registro e valorização da oralidade da comunidade:..... | 78 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 80 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 82 |
| 8. APÊNDICE | 91 |

1. INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais designadas de Fundos de Pasto, conforme Santos e Santos (2019), ocupam majoritariamente terras devolutas localizadas no sertão baiano e ganharam visibilidade no final do século XX, fazendo parte do conjunto do campesinato brasileiro que se reproduz socialmente por meio do trabalho familiar e uso comum da terra. São comunidades para as quais o controle dos recursos básicos ocorre através de normas específicas, definidas de maneira consensual e historicamente entre grupos familiares que compõem a unidade social (Santos e Santos, 2019). Embora não sejam formalmente equiparadas aos assentamentos de Reforma Agrária, muitas dessas comunidades possuem registro e reconhecimento junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), especialmente por meio da concessão de Contratos de Concessão de Direito Real de Uso (CDRU), que garantem a segurança jurídica para o uso coletivo da terra. Na Bahia, aproximadamente 159 projetos de comunidades de Fundo de Pasto estão registrados no INCRA, estando em processo de regularização fundiária coletiva (Santana, 2020).

Além do reconhecimento federal, essas comunidades são certificadas pelo Estado da Bahia por meio da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI), nos termos da Lei Estadual nº 12.910/2013, que confere reconhecimento oficial à sua identidade cultural e territorial. Até o ano de 2024, mais de 241 comunidades tradicionais de Fundo de Pasto receberam essa certificação estadual, ampliando seu acesso a políticas públicas. Além disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) reafirmou o direito ao autorreconhecimento contínuo dessas comunidades tradicionais, invalidando prazos que poderiam limitar seu reconhecimento territorial, o que reforça a garantia da perpetuidade de seus direitos fundiários e culturais. Esses instrumentos jurídicos e institucionais têm sido fundamentais para garantir a preservação da identidade da cultura, o fortalecimento da comunidade e a manutenção do modo de vida das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto no semiárido baiano (Germani e Oliveira, 2020).

Abordar essas comunidades não é uma tarefa simples, mesmo sendo filha de agricultores, neta de vaqueiro e nascida na Comunidade de Fundo de Pasto da Fazenda Arara, no município de Andorinha/BA. Embora minha vivência ofereça uma perspectiva próxima, descrever a realidade em que estou inserida exige uma visão ampla e diversificada. Por isso, é fundamental apoiar-me em referências que ampliem a análise e possibilitem uma compreensão aprofundada das questões complexas, enriquecendo o entendimento que minha experiência pessoal já proporciona.

As falas revelam que as famílias das comunidades de Fundo de Pasto enfrentam inúmeros desafios e fragilidades, mas seguem sustentadas pela esperança e pelo amor à terra. O deslocamento de homens e mulheres em busca de trabalho é uma realidade constante, ainda que muitos retornem às suas origens, como no caso de Girassol, enquanto outros permanecem afastados.

Sempre vivi na comunidade Arara e mantenho um vínculo profundo com minhas terras e minha família, que em sua maioria permanece no local, com exceção da minha irmã mais velha, residente em São Paulo com meu sobrinho. Casou-se ainda jovem e na época o acesso a cursos técnicos ou à educação superior era restrito, não havia o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) o que contribuiu para sua desmotivação. Ainda assim nas férias ela retorna todos os anos, movida pelo desejo de reencontrar-se com o território e a natureza, enquanto meu sobrinho prefere ficar, aproveitando os espaços de convivência e brincadeira que a cidade não oferece.

Diferentemente dela, após concluir o ensino médio ingressei no curso Técnico em Zootecnia do Instituto Federal Baiano em Senhor do Bonfim. A rotina era desafiadora: acordava às quatro da manhã, percorria estradas de chão e enfrentava ônibus lotados por 45 quilômetros até chegar à escola. Enquanto isso, meu pai preparava o café e minha mãe retirava o leite das vacas, usado tanto na alimentação da família quanto na produção de coalhada e requeijão para a venda.

Minha escolha pela Zootecnia refletiu a proximidade com a realidade do campo. Desde cedo, participei dos cuidados com os animais vacinando, tratando cabritos e presenciando muitas perdas pela falta de conhecimento técnico. O curso trouxe ferramentas para mudar essa realidade, auxiliando partos, reduzindo mortes mas sempre respeitando os conhecimentos técnicos com os saberes tradicionais da minha mãe, que sempre me dizia: “Filha, aprenda para o dia em que eu não estiver mais aqui.”

Seis meses depois iniciei o curso Técnico em Administração, já visando assumir futuramente a direção da associação comunitária. Minha experiência em reuniões mensais permitiu compreender a dinâmica de interação entre jovens e idosos, bem como o funcionamento da organização social.

Mais tarde fui aprovada pelo programa Universidade para Todos (PROUNI), no curso de História, retomando a rotina de viagens até Senhor do Bonfim. A graduação seguida pela especialização e pelo ingresso no mestrado em Extensão, ampliou não apenas minha formação acadêmica, mas também meu compromisso em compartilhar narrativas comunitárias. Nesse percurso, tornou-se evidente o elo entre pesquisa, comunidade e extensão, revelando o papel fundamental da universidade como espaço de diálogo e integração, capaz de promover transformações sociais por meio da produção de conhecimentos relevantes e contextualizados.

Atualmente, atuo como professora da Educação Básica em Senhor do Bonfim, mas continuo residindo periodicamente na comunidade Arara, onde retorno semanalmente. Também participo ativamente da Associação Tradicional de Fundo de Pasto Arara, colaborando na organização social e na mediação de acesso a políticas públicas.

Essa trajetória evidencia que, embora muitos jovens deixem suas comunidades em busca de oportunidades, é possível conciliar a vida fora com o fortalecimento da vida comunitária. Manter vínculos territoriais é essencial para a defesa de direitos, a valorização das práticas culturais e a continuidade dos modos de vida tradicionais.

Cada comunidade de Fundo de Pasto estabelece dinâmicas singulares, bem como instâncias específicas de organização e deliberação. Tais estruturas são concebidas com o propósito de viabilizar a tomada coletiva de decisões, de modo a otimizar a utilização dos espaços comuns e fomentar a convivência entre as famílias integrantes (Silva, 2022).

Por isso, dentre as 27 comunidades existentes no município de Andorinha, a decisão de focar na comunidade de Mandi foi influenciada por aspectos peculiares, como sua história de luta e resistência, suas práticas culturais tradicionais e sua organização social. Essa escolha se deu, principalmente, pela forte organização social que caracteriza Mandi. Durante minha participação nas reuniões da CAFFP – Central das Associações de Fundo e Fecho de Pasto e nos seminários estaduais de Fundo de Pasto, tive a oportunidade de interagir com diversas lideranças. Entre elas, conheci as lideranças da comunidade de Mandi, com quem troquei conhecimentos, histórias e vivências sobre nossas comunidades, Mandi e Arara.

Essa convivência despertou meu interesse em compreender mais profundamente a dinâmica de Mandi e os elementos que são específicos de sua identidade.

Em segundo lugar, minha decisão de focar na comunidade de Mandi foi influenciada pela participação nos episódios do podcast do NEAFRRAR – Núcleo de Estudos Étnicos e Afro-Brasileiros da UNIVASF. Esse espaço de diálogo proporcionou trocas de experiências e vivências entre as lideranças de Mandi e Arara, permitindo conhecer as especificidades da comunidade de Mandi, ricas em tradições culturais. Essas interações despertaram o interesse em compreender como ocorre a participação e o engajamento dos jovens na propagação dos saberes tradicionais, considerando o contexto de convivência com pessoas mais velhas e como essas experiências podem fortalecer a identidade dos jovens na preservação e perpetuação desses conhecimentos.

Em terceiro lugar, a comunidade de Mandi enfrenta desafios semelhantes aos da Fazenda Arara, comunidade a qual pertenço, no que diz

respeito à história de luta e resistência. Por fim, também me motivou a curiosidade em conhecer o modo de vida da comunidade, especialmente como ela lida com os desafios, fragilidades e a transmissão de elementos culturais e tradições. Esse interesse incluiu a importância da participação da juventude no contexto local e como seu engajamento fortalece a preservação desses elementos culturais.

Minha atuação como liderança facilitou diálogos constantes durante as rodas de conversa realizadas ao longo da pesquisa, ampliando minha visão sobre os desafios enfrentados pelas comunidades de fundos de pasto. No entanto, mesmo com essa experiência prévia, reconheci a necessidade de evitar leituras equivocadas sobre a comunidade de Mandi. Para isso, foi essencial realizar observações *in loco*, atendendo às especificidades de sua dinâmica. Esse processo não descartou meus conhecimentos prévios, mas permitiu um aprofundamento nos elementos que definem o modo de viver das comunidades de fundo de pasto e suas particularidades.

No contexto multicultural do Brasil, as comunidades tradicionais de fundo de pasto são exemplos marcantes da diversidade cultural e social do país. De acordo com Marques (2016), essas comunidades, enraizadas em práticas ancestrais de manejo coletivo da terra, desempenham um papel crucial na conservação ambiental e na preservação da cultura local.

A análise dos conhecimentos tradicionais presentes em comunidades como a de Andorinha, na Bahia, é essencial para promover uma educação comprometida com a valorização e preservação desses saberes. Transmitidos oralmente e vivenciados no cotidiano, conhecimentos esses fortalecem a identidade cultural dos jovens e integram valores fundamentais à vida comunitária. Ao tratar dessa questão, estabelece-se um diálogo entre Extensão Rural e Educação, construindo interfaces que permitem reconhecer e valorizar as experiências desenvolvidas nesse contexto social, de grande relevância nas lutas contemporâneas por reconhecimento e direitos, como ressaltar Conceição (2023).

Ribeiro (2017) argumenta que a valorização da cultura exige a construção de espaços educativos que respeitem os saberes locais, reconheçam as identidades culturais e promovam o protagonismo dos sujeitos históricos. Assim, é fundamental fomentar publicações que deem visibilidade a essas práticas e saberes, considerando os desafios enfrentados pelas comunidades, mas também destacando sua riqueza cultural, sua resiliência e sua história de resistência. As rodas de conversa, conforme apontam diversos autores, devem ser práticas significativas, fundamentadas nas especificidades locais e específicas para o desenvolvimento sustentável e integrado. Essa abordagem reforça o reconhecimento do modo de vida das comunidades e a valorização de suas experiências no campo da educação e da cultura.

A educação deve ser contextualizada na realidade vivida pelas pessoas e no espaço em que estão inseridas, pois, quando desvinculada de um modelo de desenvolvimento sustentável e integrado, tende a negligenciar as especificidades locais. Para que a educação contribua eficazmente para esse modelo de desenvolvimento, é necessário que ela funcione como um instrumento emancipatório, capaz de promover a libertação dos indivíduos. Dessa forma, a partir da compreensão e valorização do contexto local, as pessoas serão mais qualificadas para intervir de maneira crítica e eficaz em seu meio ambiente, o que possibilitará uma qualidade de vida mais plena e satisfatória (Reis *et al.*, 2010, p. 123). Diante desse contexto, as Rodas de Conversa para o Fortalecimento da Identidade Cultural dos Jovens da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, Município de Andorinha-BA se apresentam como proposta central deste estudo.

Segundo Freire (1996), o diálogo é um ato de criação e reconstituição da realidade, sendo essencial para a construção de um conhecimento crítico e emancipador. Através dele, os sujeitos são registrados como parte do mundo e como agentes de transformação. Nesse sentido, este estudo busca compreender como as rodas de conversa, enquanto prática dialógica, são importantes para o fortalecimento da identidade cultural dos jovens da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi. comunidade nesse

processo, pretende-se evidenciar como o diálogo intergeracional reafirma valores comunitários, fortalece o sentimento de pertencimento e valorização dos modos de vida tradicionais. Dessa forma, as rodas de conversa configuram-se não apenas como espaços de escuta e troca, mas também como instrumentos fundamentais para a preservação e continuidade dos saberes tradicionais no contexto rural do semiárido baiano.

Diante desse cenário, a pesquisa tem como objetivo compreender como as rodas de conversa podem contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos jovens da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, no município de Andorinha-BA, destacando o papel do diálogo intergeracional na valorização dos saberes, das práticas locais e no fortalecimento do sentimento de pertencimento comunitário.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Contribuir para o fortalecimento da identidade cultural da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, no município de Andorinha, Bahia, por meio da produção de episódios de podcast, como forma de valorizar os saberes e as práticas locais.

Objetivos Específicos:

- ✓ Identificar as potencialidades e os desafios culturais, sociais e ambientais da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, destacando os elementos que fortalecem a identidade coletiva.
- ✓ Descrever as experiências e percepções dos moradores em suas interações culturais, sua participação nas atividades comunitárias e o sentimento de pertencimento.
- ✓ Produzir e registrar, por meio do podcast, manifestações culturais e saberes locais como parte do produto final do mestrado.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Fundos de Pasto: Contexto, Desafios da Regularização e os Fechos de Pasto

Os Fundos de Pasto são comunidades tradicionais com forte presença no sertão nordestino, especialmente no semiárido baiano, onde possuem raízes históricas e culturais profundas. Essas comunidades se organizam coletivamente para o uso e manejo sustentável de terras devolutas, dedicando-se ao pastoreio extensivo de caprinos e ovinos em áreas de uso comum, garantindo não apenas a subsistência familiar, mas também a preservação de práticas culturais e ambientais singulares (Carvalho, 2008). Essas formas tradicionais de organização expressaram a agricultura camponesa, marcadas pela resistência aos modelos capitalistas predominantes na produção agrícola (Oliveira, 1999).

A transmissão oral de saberes como o manejo sustentável da Caatinga, festejos religiosos e medicina popular constitui um alicerce para a manutenção da identidade comunitária e para a construção de estratégias de convivência sustentável no semiárido (Silva e Almeida, 2020).

Historicamente, a ausência de regularização fundiária, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, expôs os Fundos de Pasto a conflitos territoriais com grandes empresas agropecuárias e mineradoras, como a Ferbasa, interessados na exploração dos recursos naturais da região (Cotrim, 1991; Rosa e Torres, 2013; Souza, 2018). Esse cenário reflete um panorama global onde comunidades tradicionais enfrentam pressões semelhantes, como os povos indígenas da Amazônia e situações em zonas de conflito internacional (Abdullah e Nasir, 2020).

No contexto legal, a Constituição do Estado da Bahia de 1989 representou um marco ao reconhecer a importância dos territórios tradicionais, incluindo os Fundos de Pasto, e estabelecer princípios para sua proteção. Desde então, o governo baiano tem implementado projetos de regularização fundiária que contemplam processos de busca ativa ações

sistemáticas de identificação, mapeamento e documentação das comunidades e suas áreas tradicionais. Essas iniciativas são feitas em parceria com associações comunitárias, que desempenham papel fundamental na defesa dos direitos territoriais, mobilizando as comunidades, participando dos processos burocráticos e resistindo às tentativas de expropriação (Governo da Bahia, 2018; Almeida *et al.*, 2020).

Contudo, a regularização ainda envolve burocracia, lentidão nos processos e oposição de setores econômicos, incluindo grandes empresas rurais, mineradoras e empreendimentos de energia renovável. Essas resistências se manifestaram em disputas judiciais, pressões políticas e, por vezes, em conflitos diretos contra lideranças comunitárias (Paulino, 2010; Souza, 2018).

Além do aspecto fundiário, um elemento fundamental na organização dos Fundos de Pasto são os Fechos de Pasto, cercas vivas, muitas vezes compostas por espécies nativas, que delimitam como áreas comuns de pastoreio e preservação. Esses fechamentos atuam como instrumentos de regulação interna, controlando o acesso e uso das terras e contribuindo para a gestão sustentável dos recursos naturais. Reconhecidos como parte do patrimônio cultural e ambiental das comunidades, os Fechos de Pasto simbolizam a conexão entre práticas tradicionais e a conservação da biodiversidade local (Almeida e Moura, 2013).

Nos últimos anos, o avanço de projetos de “energia verde”, como parques eólicos e solares no semiárido baiano, tem ampliado os conflitos territoriais. Frequentemente implantados sem consulta adequada às comunidades, esses empreendimentos, apesar de sustentáveis em sua concepção, comprometem a integridade territorial e as práticas tradicionais de manejo, agravando a vulnerabilidade desses grupos (Unesp, 2017).

No campo social, a influência das mídias digitais e a propagação de discursos polarizadores ameaçam a coesão cultural, sobretudo entre os jovens. Portanto, ações educativas que valorizam as tradições e fomentam a

consciência crítica são imprescindíveis para fortalecer a identidade cultural e a resistência coletiva.

O reconhecimento formal dos Fundos de Pasto enquanto comunidades tradicionais está previsto no Decreto Federal nº 6.040/2007 , que institui diretrizes para a política nacional de proteção aos direitos dessas comunidades. Esse marco legal reforça a necessidade de políticas públicas integradas que garantam a segurança territorial, o apoio cultural e o desenvolvimento sustentável (Brasil, 2007)

Diante desse cenário é nítido que a trajetória dos Fundos de Pasto na Bahia revela um cenário de avanços jurídicos e institucionais, mas também de desafios e conflitos. A mobilização das associações comunitárias, os processos de busca ativa e a valorização dos Fechos de Pasto são elementos essenciais para garantir o direito à terra e à cultura, compondo uma luta complexa que abrange aspectos sociais, ambientais e econômicos. Essa resistência constitui um importante exemplo de justiça social e sustentabilidade frente às transformações contemporâneas.

3.2 Tradições culturais para o fortalecimento de comunidades de Fundo de Pasto:

As comunidades de Fundo de Pasto, presentes principalmente no semiárido baiano, representam um modo tradicional de vida pautado no uso coletivo da terra e na preservação de práticas culturais transmitidas oralmente entre gerações. Elas têm suas raízes em formas ancestrais de organização territorial, nas quais a coletividade e o compartilhamento sustentável dos recursos naturais garantem a manutenção social, econômica e ambiental do grupo (Carvalho e Santos, 2019).

No entanto, esse tipo de organização comunitária não é exclusividade da Bahia. Em diversas regiões do Brasil, existem comunidades com características similares, embora com diferentes nomenclaturas e contextos locais. No Nordeste, estados como Paraíba, Pernambuco e Ceará abrigam grupos tradicionais que, de maneira análoga, organizam coletivamente o uso

da terra para atividades agropecuárias e a preservação cultural, preservando saberes e práticas transmitidos de geração em geração. No Sudeste, os Fundos de Vale, presentes em Minas Gerais e São Paulo, mantêm práticas coletivas na gestão dos recursos naturais, voltadas para a pecuária e agricultura familiar (Costa, 2018).

No Sul do país, comunidades rurais tradicionais em Santa Catarina e Rio Grande do Sul desenvolvem modos de vida fundamentados na gestão comunitária das terras, com forte vínculo às práticas pecuárias extensivas e cultivo, sustentados por valores culturais e sociais próprios (Gomes; Reis, 2017). Além disso, no Norte, comunidades ribeirinhas e tradicionais da Amazônia e de Tocantins também compartilham a organização coletiva do uso da terra e valorização dos saberes ancestrais ligados ao território, apesar da distinta dinâmica ambiental (Castro; Menezes, 2019).

Ainda, as comunidades quilombolas, amplamente distribuídas pelo Nordeste, Sudeste e outras regiões, apresentam muitas semelhanças com os Fundos de Pasto, sobretudo no manejo coletivo da terra e na valorização dos saberes tradicionais. Muitas vezes, essas comunidades coexistem territorialmente e compartilham práticas sociais e culturais semelhantes, atuando de maneira complementar na preservação dos modos de vida tradicionais (Santos; Araújo, 2020).

A transmissão oral de saberes é o principal meio de preservação cultural nessas comunidades. Práticas como o manejo sustentável da Caatinga, a criação extensiva de caprinos e ovinos, celebrações religiosas, medicina popular e rituais tradicionais são passadas adiante, garantindo a continuidade de conhecimentos adaptados às condições específicas do ambiente semiárido (Silva e Almeida, 2020). Essas tradições fortalecem os vínculos sociais, promovendo coesão comunitária e reafirmando valores coletivos essenciais à sustentabilidade do modo de vida local.

A valorização e o reconhecimento dessas tradições são fundamentais para a permanência dessas comunidades e a garantia de seus direitos territoriais. O reconhecimento legal das práticas culturais como patrimônio

imaterial contribui para proteger os modos de vida, prevenindo a expropriação das terras e a descaracterização cultural e social (Oliveira e Costa, 2021).

Paralelamente, políticas públicas que promovam a educação contextualizada, valorizem os saberes tradicionais e incentivem a economia solidária são essenciais para o fortalecimento dessas comunidades. Iniciativas como o turismo de base comunitária, feiras de produtos agroecológicos e outras formas de organização social ampliam a autonomia econômica e facilitam o compartilhamento cultural com públicos mais amplos, contribuindo para a sustentabilidade e preservação dessas tradições (Martins e Ferreira, 2022).

Dessa forma, a reafirmação das tradições culturais não apenas reforça a identidade das comunidades de Fundo de Pasto, mas também amplia sua capacidade de resistência diante das transformações econômicas, políticas e ambientais, garantindo sua continuidade e valorização no cenário regional e nacional.

3.3 Podcast na divulgação e valorização dos saberes tradicionais:

Os podcasts surgiram no início dos anos 2000, combinando a oralidade herdada do rádio com a praticidade da internet, e ganharam popularidade no Brasil com a expansão dos smartphones e aplicativos de streaming (Morris e Patterson, 2015; Martins, 2019). Essa mídia digital tem se mostrado eficaz na democratização do conhecimento, ampliando o acesso a informações especializadas para públicos diversos, inclusive fóruns do meio acadêmico, promovendo o engajamento e o aprendizado autodirigido (McClain, 2019).

Nas comunidades tradicionais do semiárido brasileiro, os podcasts funcionam como uma importante ferramenta de educomunicação, promovendo o diálogo entre saberes científicos e populares e fortalecendo o intercâmbio cultural (Almeida e Santos, 2021). A facilidade de acesso a episódios em diferentes dispositivos e horários torna o formato especialmente

atraente para os jovens, que podem se reconectar com suas raízes culturais e participar da construção coletiva do conhecimento tradicional.

Por meio de narrativas orais, entrevistas e registros sonoros do cotidiano, o podcast permite preservar e compartilhar histórias, práticas e conhecimentos que muitas vezes não estão documentados em materiais escritos. Nos projetos do Neafrrar e do ETC, por exemplo, as fontes orais não são tratadas apenas como complementares aos registros escritos, mas reconhecidas como portadoras legítimas e autônomas de conhecimento. Nesse sentido, a oralidade adquire um valor epistemológico próprio, sendo central na construção e na valorização de saberes coletivos. Além disso, ao promover a participação direta dos próprios membros da comunidade na produção e difusão dos episódios, essa mídia fortalece o protagonismo local e a transmissão intergeracional dos saberes (Silva e Ferreira, 2021)

Além disso, o podcast é uma ferramenta útil para a preservação do patrimônio cultural imaterial, compreendendo saberes, práticas, línguas e rituais transmitidos oralmente ampliando a visibilidade dessas manifestações e garantindo sua continuidade (Smith e Jones, 2020; Carvalho, 2022). A produção comunitária assegura a proteção dos conteúdos e respeita a voz dos detentores desses conhecimentos.

No entanto, a distribuição de conteúdo por meio de plataformas digitais como Spotify, Apple Podcasts e YouTube, aparentemente conhecido como “plataformização”, embora amplo o alcance, impõe desafios relacionados ao controle da informação, monetização e direitos autorais, que podem limitar a autonomia cultural das comunidades. Por isso, é essencial garantir uma gestão ética e soberana dos conteúdos para preservar o protagonismo das próprias comunidades (Gillespie, 2018; López, 2021).

A eficácia dos podcasts depende também de um planejamento cuidadoso, que respeite a cultura local e envolva os participantes, e do estabelecimento de parcerias institucionais que ampliem seu impacto, contribuindo para a formação de acervos sonoros que documentem o patrimônio imaterial e sirvam como recurso educacional.

Por fim, limitações tecnológicas e sociais, como o acesso restrito à internet, baixa alfabetização digital e barreiras linguísticas dificultam a plena adoção do podcast em comunidades rurais e tradicionais. Projetos bem sucedidos investem em capacitação técnica, adaptação cultural e trabalhoso para promoção de inclusão digital e fortalecer o protagonismo local, com apoio de instituições e movimentos sociais (Oliveira *et al.*, 2020; Ferreira, 2023).

Um exemplo prático dessa eficácia está no estudo de Silva, Ferreira e Almeida (2021), que avaliou o uso de podcasts para valorização dos saberes tradicionais em comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro. Desenvolveram episódios em colaboração com os próprios moradores, abordando histórias locais, práticas culturais e conhecimentos ancestrais. Os resultados indicaram que o podcast fortaleceu o protagonismo comunitário, facilitou o diálogo intergeracional e ampliou o alcance dos saberes tradicionais para o público jovem, distantes dos meios convencionais de transmissão cultural.

A facilidade do podcast, que pode ser ouvido em diferentes momentos, favorece a continuidade do engajamento dos participantes e promove a integração entre tradição e inovação tecnológica. Além disso, incentivou a reflexão crítica sobre os desafios contemporâneos da comunidade, contribuindo para a sustentabilidade cultural local.

Dessa forma, o podcast surge como uma tecnologia social inovadora capaz de articular tradição e inovação, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e a continuidade cultural, elementos fundamentais para o fortalecimento dos modos de vida no semiárido brasileiro.

3.4 Rodas de conversa como espaço de construção coletiva:

As rodas de conversa configuraram-se como espaços dialógicos de construção coletiva de saberes, sendo amplamente reconhecidas como metodologias participativas que estimulam a escuta ativa, a partilha de experiências e o fortalecimento da identidade cultural. Diversos autores

destacam sua eficácia em contextos de comunidades tradicionais, especialmente no semiárido brasileiro, onde assumem papel essencial na valorização de saberes locais e na promoção da autonomia comunitária (Silva *et al.*, 2021; Freire, 1983; Sousa *et al.*, 2018).

No terceiro capítulo de *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire destaca o diálogo como uma prática fundamental no processo educativo, por ser capaz de despertar nos sujeitos a consciência crítica através da problematização do mundo em que vivem. Para ele, dialogar é mais do que trocar palavras, é um ato de amor e compromisso com a transformação social: “o diálogo é o encontro amoroso dos que meditam sobre o mundo que querem transformar” (Freire, 2019, p. 107). Nessa perspectiva, as rodas de conversa se revelam como práticas potentes de educação libertadora, por promoverem a escuta mútua, o respeito aos saberes diversos e a construção coletiva do conhecimento.

Boaventura de Sousa Santos (2007), por sua vez, em *Epistemologias do Sul*, argumenta que os saberes tradicionais e populares devem ser valorizados em pé de igualdade com os saberes científicos, reforçando a necessidade de metodologias que promovam o intercâmbio entre diferentes formas de conhecimento. Nesse sentido, as rodas de conversa possibilitam a articulação entre a ancestralidade e os desafios contemporâneos, fortalecendo a autonomia das comunidades.

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009) enfatiza, em suas pesquisas sobre povos tradicionais, que a oralidade é um dos principais meios de transmissão cultural, sendo essencial para a manutenção da identidade e da organização social. As rodas de conversa, ao priorizarem a escuta e a troca de experiências, contribuem para a preservação dos saberes tradicionais e para a resistência frente às adversidades.

No contexto das comunidades do Fundo de Pasto, como descrito por Almeida e Moura (2013), essas rodas se configuram como espaços fundamentais para a mobilização política e social. Elas permitem que os moradores compartilhem seus desafios, fortaleçam sua identidade coletiva e

se organizem para reivindicar direitos, como o acesso à terra e a implementação de políticas públicas adequadas.

Além disso, Tavares e Oliveira (2020) destacam que as rodas de conversa são ferramentas valiosas para promover uma educação mais contextualizada. No ambiente escolar, por exemplo, eles ajudam a conectar os conteúdos trabalhados na sala de aula com a realidade dos alunos e com as vivências culturais de suas comunidades. Essa aproximação entre o saber formal e os saberes locais fortalece uma aprendizagem mais significativa, capaz de despertar o senso crítico e a autonomia dos estudantes.

Dessa forma, as rodas de conversa vão muito além de momentos de fala; elas se firmam como espaços de fortalecimento da organização comunitária, valorização dos saberes tradicionais e construção coletiva de soluções que realmente dialogam com a vivência e os desafios do cotidiano das comunidades. O que torna essa metodologia tão potente é justamente a sua forma circular, onde ninguém lidera nem ocupa o centro. Todos compartilham o mesmo espaço, de forma horizontal, o que simboliza e pratica a igualdade de vozes. Essa configuração convida à escuta atenta, ao respeito pelas diferentes experiências e ao reconhecimento de que cada pessoa tem algo a ensinar e aprender.

Embora outras metodologias tenham sido consideradas, como escritórios ou exposições dialogadas, nenhuma foi tão eficaz em criar um ambiente de confiança, acolhimento e participação genuína. As rodas de conversa resgatam um tempo e um jeito de aprender que muitas vezes se perde na educação formal: o tempo de escutar com calma, refletir em conjunto e construir saberes a partir da vida real (Santos, 2007; Cunha, 2009).

3.5 A Comunidade de fundo de Pasto Mandi: Cultura, sustentabilidade e resistência no Sertão Baiano:

A regularização fundiária das comunidades de Fundo de Pasto, como a Comunidade Mandi, é um processo fundamental para garantir o reconhecimento legal e a titulação das terras usadas coletivamente por essas

populações tradicionais. No entanto, essa regularização está marcada por uma série de desafios e conflitos que tornam o processo bastante polêmico e complexo (Carvalho, 2022).

Primeiramente, o procedimento enfrenta uma forte burocracia e morosidade. São diversas as etapas possíveis desde o levantamento fundiário e a identificação precisa dos territórios, passando pela delimitação oficial, até ao reconhecimento formal pelos órgãos públicos responsáveis e a entrega dos títulos de posse. Cada uma dessas fases pode levar anos para ser concluída devido à complexidade técnica, à insuficiência de estrutura dos órgãos governamentais e à necessidade de articulação entre diferentes instituições. Além disso, as terras ocupadas pelas comunidades tradicionais muitas vezes estão sob forte pressão de interesses econômicos. Grandes produtores rurais, mineradoras e empreendimentos como parques eólicos e solares disputam essas áreas, o que provoca conflitos e resistências. Esses atores podem atuar para atrasar ou inviabilizar o processo de regularização por meio de ações judiciais, lobby político e, em alguns casos, até ameaças e violência contra lideranças comunitárias (Carvalho, 2022).

Nesse contexto, as associações formadas pelas próprias comunidades exercem um papel crucial na defesa de seus direitos. Elas participam de processos de busca ativa para identificar e demarcar os territórios, além de atuarem como interlocutoras em negociações e mobilizações sociais. No entanto, essas associações enfrentam frequentemente resistência tanto de setores públicos quanto privados, além de dificuldades internas para manter a unidade diante das pressões externas (Santos, 2024).

Do ponto de vista legal, o reconhecimento das comunidades de Fundo de Pasto está previsto em importantes marcos normativos, como a Constituição do Estado da Bahia (1989) e o Decreto Federal nº 6.040/2007, que autorizam o direito dessas populações às suas terras tradicionais. Contudo, a aplicação desses dispositivos ainda esbarra em limitações práticas, especialmente pela insuficiência de políticas públicas efetivas que atendam à complexidade dos desafios enfrentados (Brasil, 2007).

Outro aspecto relevante é que a regularização não deve se limitar à posse da terra, mas também garantir a preservação dos saberes tradicionais, das práticas culturais e do manejo sustentável do bioma Caatinga. Muitas vezes, projetos econômicos e ambientais em curso entram em conflito com esses valores, dificultando o diálogo e a construção de soluções que respeitem a cultura e as necessidades das comunidades. No caso específico da Comunidade Mandi, embora já possua algum grau de regularização, ainda enfrenta dificuldades relacionadas ao apoio governamental e ao acesso a políticas públicas que consolidem sua segurança territorial e fortaleçam a agricultura familiar. Isso demonstra que a regularização fundiária precisa ser acompanhada de investimentos técnicos, financeiros e culturais para garantir a sustentabilidade e a continuidade desses modos de vida (Carvalho, 2022).

Diante desse cenário, a Comunidade de Fundo de Pasto Mandi representa não apenas um exemplo de resistência e preservação cultural, mas também um modelo de manejo sustentável do território que pode servir de referência para políticas públicas voltadas à conservação da Caatinga e ao fortalecimento da agricultura familiar. Esse reconhecimento como modelo não ocorre de forma espontânea: ele é construído a partir de práticas concretas e reivindicações de políticas organizadas. A comunidade mantém sistemas tradicionais de uso coletivo da terra, promove o manejo integrado do bioma com técnicas agroecológicas, realiza o cultivo de variedades crioulas e a criação extensiva de animais adaptados à região, além de participar de redes e fóruns de luta pelo direito à terra e pelos bens comuns. Reivindica, ainda, regularização fundiária, acesso a políticas de crédito rural específicas para o semiárido, investimentos em tecnologias sociais de convivência com a seca, como cisternas e barragens subterrâneas, e reconhecimento formal de seus modos de vida como patrimônio imaterial. No entanto, a continuidade desse modo de vida depende diretamente da implementação de políticas que assegurem esses direitos, especialmente o acesso à terra, aos recursos hídricos e ao apoio à agricultura de base comunitária e adaptada às condições semiáridas (Carvalho, 2022 e Brasil, 2023).

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, cujo objetivo principal é possibilitar uma compreensão aprofundada dos significados, percepções e experiências dos sujeitos em seus contextos sociais e culturais. Conforme Roesch (2010, p. 154), uma pesquisa qualitativa é especialmente indicada para avaliações formativas, pois permite o aprimoramento de programas e ações a partir da escuta e vivência dos participantes.

A metodologia adotada teve como base a realização de rodas de conversa, que funcionaram como principal instrumento de escuta ativa e a troca de saberes entre os participantes. Essa estratégia dialógica e participativa proporcionou um espaço seguro e acolhedor para que jovens e idosos da comunidade de Mandi compartilhem suas memórias, vivências e conhecimentos. O objetivo central das rodas foi fortalecer o protagonismo comunitário e valorizar a identidade cultural local por meio da oralidade e da construção coletiva de sentidos.

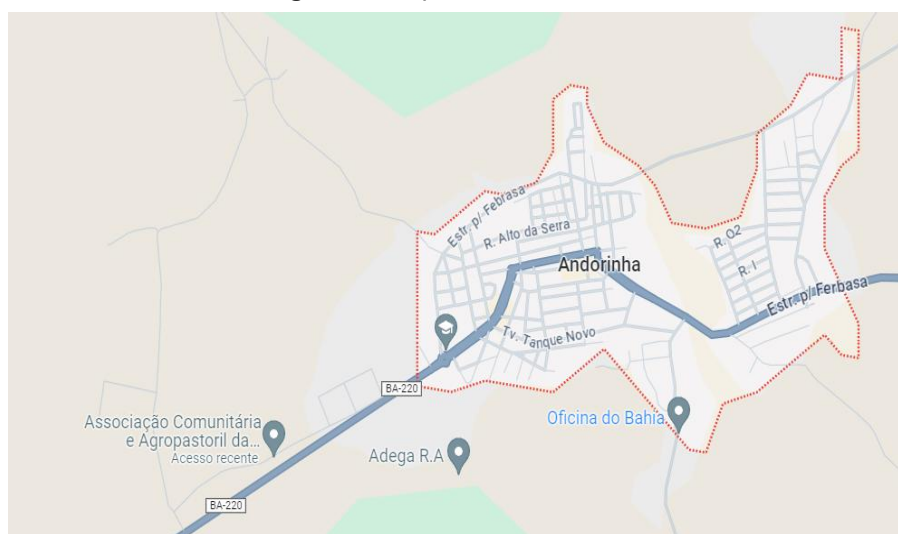
A coleta de dados foi registrada com o auxílio do diário de bordo, uma técnica fundamental para o acompanhamento sistemático do processo de pesquisa. O diário de bordo consiste em um registro contínuo e detalhado das observações, reflexões, interações e acontecimentos vivenciados durante as atividades. Segundo Zabalza (2004), esta ferramenta é essencial para a documentação da prática, pois permite ao pesquisador analisar criticamente o percurso da investigação, identificando nuances e aspectos que enriquecem a interpretação dos dados.

Antes do início das atividades, os participantes foram devidamente informados sobre os objetivos, métodos e procedimentos da pesquisa. Após o esclarecimento de dúvidas, todos consentiram voluntariamente com a participação por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo assim a transparência, a ética e a confiabilidade do processo investigativo, em conformidade com as normas que regulam pesquisas envolvendo seres humanos.

4.1 Localização do estudo

A pesquisa foi realizada no município de Andorinha (Figura 1), localizado no estado da Bahia, que possui uma população estimada em 15.012 habitantes, de acordo com os dados do IBGE (2022). O lócus do estudo é a Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, oficialmente reconhecida em 2015 por meio de autodeclaração e certificação como comunidade tradicional.

Figura 1: Mapa de Andorinha



Fonte: Google (2023)

De acordo com dados do Grupo de Pesquisa Geografar, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) e do Diário Oficial do Estado da Bahia (2017–2018), embora a localização territorial pertença ao Território de Identidade do Sisal, com sede no município de Monte Santo, conforme estabelece a Portaria nº 37, de 10 de novembro de 2015, a comunidade é politicamente vinculada ao município de Andorinha. É nesse município que se concentram as atividades comerciais essenciais para o abastecimento local, funcionando como ponto de referência para a compra e venda de produtos, acesso a serviços e trocas econômicas.

Além disso, é em Andorinha que os moradores exercem seu direito ao voto, participando ativamente do processo democrático municipal. Essa vinculação administrativa e política reflete não apenas a dependência econômica da comunidade em relação ao comércio de Andorinha, mas

também sua integração nos espaços institucionais e nas decisões que impactam diretamente seu modo de vida.

4.2 Caracterização da comunidade Fundo de Pasto de Mandi

A Comunidade Tradicional de Mandi (Figura 2), situada a cerca de 15 quilômetros do município de Andorinha, é o foco da pesquisa. A região possui um vasto Fundo de Pasto, rico em biodiversidade, com flora, fauna e recursos naturais preservados pela própria comunidade.

Figura 2: Associação da Comunidade de Mandi



Fonte: Autora (2025)

O Fundo de Pasto de Mandi é composto predominantemente por vegetação de Caatinga e abrange aproximadamente 900 hectares (com título de terra referenciado). A principal atividade econômica local é a criação de caprinos, embora também sejam criados ovinos e bovinos. Atualmente, cerca de 60 famílias vivem na Comunidade de Mandi. Essas famílias são compostas por homens, mulheres, idosos, adolescentes e crianças, demonstrando a diversidade geracional presente no local.

Quanto à organização territorial do Fundo de Pasto de Mandi, a comunidade se estrutura em propriedades individuais, algumas com títulos de terra formalizados e cercadas, e outras ainda não regularizadas. O uso do Fundo de Pasto é coletivo, sendo um bem comum da comunidade.

A gestão legal e organizacional do território é de responsabilidade da Associação Agropastoril de Mandi. Essa associação representa juridicamente os interesses dos moradores, sendo uma ferramenta essencial para a proteção do território e o acesso a políticas públicas, além de promover

benefícios diretos e indiretos para os associados e moradores. Atua ainda como instância de mediação em casos de ameaças e conflitos relacionados à terra. De acordo com a presidente da associação, há cerca de 100 associados distribuídos entre diferentes faixas etárias.

A estrutura da Associação é composta por:

- **Presidente:** responsável por representar a associação e seus sócios;
- **Secretária:** encarregada da documentação e arquivos da instituição;
- **Tesoureira:** cuida das finanças, prestações de contas e controle das mensalidades;
- **Conselheira Fiscal:** fiscaliza a gestão financeira e administrativa, garantindo transparência e cumprimento das normas;
- **Sócios:** moradores da comunidade que participam de forma coletiva da organização.

4.3 Rodas de Conversa:

As rodas de conversa aconteceram na sede da Associação Agropastoril da Comunidade de Mandi, distribuídas em três encontros realizados aos sábados, sempre no turno vespertino, com início às 14h e duração média de duas horas cada. Esses momentos foram conduzidos pela pesquisadora (Figura 3), que atuou como mediadora dos diálogos, buscando promover um ambiente acolhedor e colaborativo que estimulasse a participação ativa dos envolvidos.

Figura 3: Roda de conversa



Fonte: Autora (2025)

A coleta de informações foi organizada com base nesses três encontros presenciais, estruturados no formato de rodas de conversa. Cada encontro abordou uma temática central, permitindo o aprofundamento das discussões e valorizando as experiências, saberes e percepções dos moradores da Comunidade Tradicional de Mandi. A seguir, são apresentadas as principais atividades desenvolvidas em cada etapa:

➤ Primeiro encontro – Apresentação da proposta e memórias comunitárias:

Neste primeiro momento, foi apresentado aos participantes a proposta de pesquisa, seus objetivos e metodologia, com espaço para esclarecimento de dúvidas. Em seguida, os moradores relataram, informando suas idades e compartilhando relatos sobre suas vivências na comunidade. A roda de conversa foi marcada por reflexões sobre a história local, incluindo hipóteses levantadas a respeito do surgimento da Associação Agropastoril do Fundo de Pasto de Mandi e da origem do nome da comunidade.

➤ Segundo encontro – Potencialidades e fragilidades da comunidade:

Neste encontro, o debate coletivo teve como foco a identificação das potencialidades e fragilidades do território. A discussão foi guiada por quatro questões norteadoras: (1) quais são os desafios mais recorrentes enfrentados pela comunidade? (2) há algum tipo de apoio da Secretaria de Cultura? (3) qual o impacto da atuação da empresa Ferbasa na vida da comunidade? (4) quais as potencialidades da comunidade de Mandi? As falas dos participantes revelaram aspectos importantes do cotidiano local, evidenciando tanto vulnerabilidades quanto estratégias de resistência cultural.

➤ Terceiro encontro – Tradições que resistiram e memórias que se perderam:

O último encontro teve como objetivo central discutir as tradições e práticas culturais da comunidade, refletindo sobre aquelas que ainda se mantêm vivas e como, ao longo do tempo, deixaram de ser praticadas. O diálogo permitiu identificar elementos culturais preservados pela memória

coletiva e compreender os fatores que desenvolveram para o enfraquecimento ou desaparecimento de determinadas manifestações culturais. O objetivo desses encontros foi promover um ambiente colaborativo, em que os jovens da comunidade pudessem explorar e valorizar aspectos da cultura local por meio do diálogo com os mais idosos.

Sendo que durante os encontros, foram abordados temas relacionados à história, às tradições e aos saberes tradicionais da comunidade.

Os participantes, identificados com nomes de flores ao longo da pesquisa como forma de preservar suas identidades, tiveram a oportunidade de compartilhar vivências, desafios e perspectivas vinculadas ao cotidiano comunitário.

A tabela a seguir apresenta os dados dos participantes das rodas de conversa, utilizando nomes simbólicos inspirados em flores para preservar a identidade dos envolvidos. A tabela indica a quantidade total de participantes, bem como a faixa etária de cada um, proporcionando uma visão geral da diversidade geracional presente nos encontros.

Tabela 1: Dados dos participantes

| Nome de flores | Cargo na Comunidade | Sócio (Tempo) | Gênero | Idade |
|-----------------------|----------------------------|----------------------|---------------|--------------|
| Girassol | — | Sim (25 anos) | Masculino | 44 |
| Orquídea | — | Não | Feminino | 36 |
| Flor-de-Lis | — | Não | Feminino | 39 |
| Dona Rosa | — | Sim (25 anos) | Femenino | 64 |
| Lilás | — | Sim (20 anos) | Feminino | 43 |
| Seu Jacinto | — | Sim (50 anos) | Masculino | 71 |
| Açucena Real | — | Sim (25 anos) | Feminina | 46 |
| Dona Margarida | — | Sim (25 anos) | Feminino | 75 |
| Seu Cravo | — | Sim (45 anos) | Masculino | 67 |
| Seu Jasmim | — | Sim (35 anos) | Masculino | 55 |
| Yasmin | Tesoureira | Sim (8 anos) | Feminino | 33 |

| | | | | |
|------------------|--------------------|---------------|----------|----|
| Violeta Brava | Secretária | Sim (10 anos) | Feminino | 34 |
| Flor-de-Maio | Presidente | Sim (5 anos) | Feminino | 24 |
| Flor-de-Maracujá | Conselheira fiscal | Sim (10 anos) | Feminino | 43 |

Fonte: Autora (2025)

Destacam-se, ainda, as estratégias utilizadas para fomentar a participação ativa e espontânea dos envolvidos nas rodas de conversa. Uma das dinâmicas mais eficazes consistiu na utilização de bexigas contendo perguntas norteadoras (Figura 4), que, ao serem estouradas, revelaram temas para discussão, acompanhados da distribuição de pequenos brindes, como guloseimas.

Figura 4: Dinâmica da bexiga - Porta de dialogo e memória



Fonte: Autora (2025)

Essas iniciativas foram desenvolvidas para criar um ambiente leve, acolhedor e descontraído, promovendo o engajamento dos participantes e evitando possíveis constrangimentos.

4.4 Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos nas rodas de conversa, as informações coletadas foram organizadas e tabuladas de forma sistemática. A abordagem utilizada foi qualitativa, com base na Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), que permite interpretar dados

simbólicos e subjetivos por meio de categorias temáticas, promovendo a compreensão das percepções e experiências dos participantes.

O objetivo central desta análise foi explorar a eficácia das rodas de conversa enquanto instrumento de escuta, valorização da memória social e fortalecimento da identidade cultural local. Para isso, foram definidos três critérios analíticos principais: O quadro 1 apresenta a estrutura detalhada da análise resultante.

Quadro 1 - Critérios para análise das rodas de conversa

| CATEGORIAS PARA ANÁLISE | |
|--|---|
| Item | Informação |
| 1. Surgimento da Associação Agropastoril da comunidade fundo de pasto de Mandi | Investigação do contexto e motivações para a criação da associação, considerando ameaças como grilagem, interesses econômicos, organização comunitária e processo de legalização documental. |
| 2. Potencialidades e fragilidades na comunidade. | Análise das potencialidades e desafios presentes na comunidade, incluindo aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais que influenciam a sustentabilidade do modo de vida local. |
| 3. Tradições e práticas culturais. | Identificação e descrição dos elementos culturais, saberes tradicionais e práticas tradicionais mantidas pela comunidade, ressaltando a importância das tradições culturais para a construção da identidade coletiva. |

Fonte: Autora (2025)

Como resultado final da pesquisa, foi produzido o podcast “*Vozes do Fundo de Pasto – Mandi*”, cujo tema central foi: “*Como os saberes e vivências dos moradores fortaleceram a identidade cultural da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, no município de Andorinha-BA.*” A proposta do podcast foi valorizar a oralidade, a memória e os vínculos comunitários por meio de conversas entre diferentes gerações, promovendo o fortalecimento da identidade cultural local.

O podcast (Apêndice I) foi estruturado em três episódios, com duração média de 30 minutos cada, e dois convidados em cada episódio, garantindo diversidade de perspectivas e experiências:

Episódio 1 – “*Quem somos? De onde viemos?*”: focado nas origens da comunidade e no significado do nome Mandi. Com a participação de um morador idoso e um jovem sócio da comunidade, o episódio reconstrói memórias sobre a formação do povoado, revelando diferentes versões e interpretações transmitidas ao longo das gerações.

Episódio 2 – “*O que é ser pertencente à comunidade do Fundo de Pasto?*”: voltado para o sentimento de pertencimento, as vivências cotidianas e os desafios enfrentados pelos moradores. Duas mulheres da comunidade, representando diferentes papéis e idades, narram suas rotinas, falam sobre o artesanato, a participação associativa e os obstáculos para manter o engajamento coletivo.

Episódio 3 – “*Sonhos que vêm da terra*”: dedicado a refletir sobre o futuro, as tradições culturais e a resistência frente às mudanças. Com a presença de duas lideranças femininas, o diálogo aborda a importância das parcerias institucionais, das políticas públicas e da preservação das práticas culturais como forma de garantir a continuidade da identidade e do modo de vida da comunidade.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Vivências comunitárias e memórias afetivas como fortalecimento da identidade cultural.

Nas tardes de sábado, iniciava-se minha trajetória em busca de conhecimento na Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto de Mandi. O caminho até lá misturava aventura e adrenalina: alguns dias ensolarados, outros chuvosos, estradas esburacadas pelas fortes enchentes, rios ainda correndo e a alternância entre motos e carros para chegar ao destino. No percurso, já admirava as serras que cercam a comunidade e o vasto pasto aberto, onde caprinos, ovinos e bovinos circulavam livremente, lembrando que aquele território lhes pertence. O canto dos pássaros trazia uma sensação de paz e acolhimento, como se eu estivesse voltando para casa.

À medida que avançava, via casas simples que me despertavam memórias da infância e da casa dos meus avós, o cheiro do mato, as cercas de madeira, as galinhas e os apriscos. Em frente a uma das casas, um casal de idosos sentado à porta, acompanhado de gatos e cachorros, trouxe à lembrança das minhas tias, que ao entardecer contavam histórias. As recordações me emocionaram, pois muitas dessas pessoas já partiram, mas deixaram histórias que pretendo contar.

A jornada seguia até a sede da associação local, onde aconteceriam as rodas de conversa. Sabia que, como é típico nas comunidades, as pessoas chegariam cedo para não atrasar. Lembrei-me das palavras comuns entre os moradores: “Não posso esperar a tardezinha, preciso prender meus animais e ver se está tudo bem, pois deles vem meu sustento.” Essa rotina é própria do povo de fundo de pasto e também fez parte da minha vida.

Em certo momento, cansada pela distância, avistei um rio e, mais à frente, uma capela (Figura 05), como uma resposta imediata ao meu pensamento em Deus. A curiosidade sobre qual santo era o padroeiro ficou para outra hora, pois não queria me atrasar. Pelo caminho, encontrei pés de mandacaru, catingueira, umburana, xique-xique e senti o aroma do alecrim.

Ao ver um umbuzeiro, parei para ver se havia frutos, mas só encontrei verdes, pois a frutificação viria na estação das chuvas. Continuei o trajeto e, ao ouvir os gritos alegres de crianças, pensei estar perto do destino, mas era apenas um grupo brincando próximo a algumas casas. A alegria delas me fez refletir sobre a importância de ensinar valores como o respeito, a fé e a convivência comunitária, que infelizmente têm se perdido entre as novas gerações.

Figura 5: Capela



Fonte: Silva (2025)

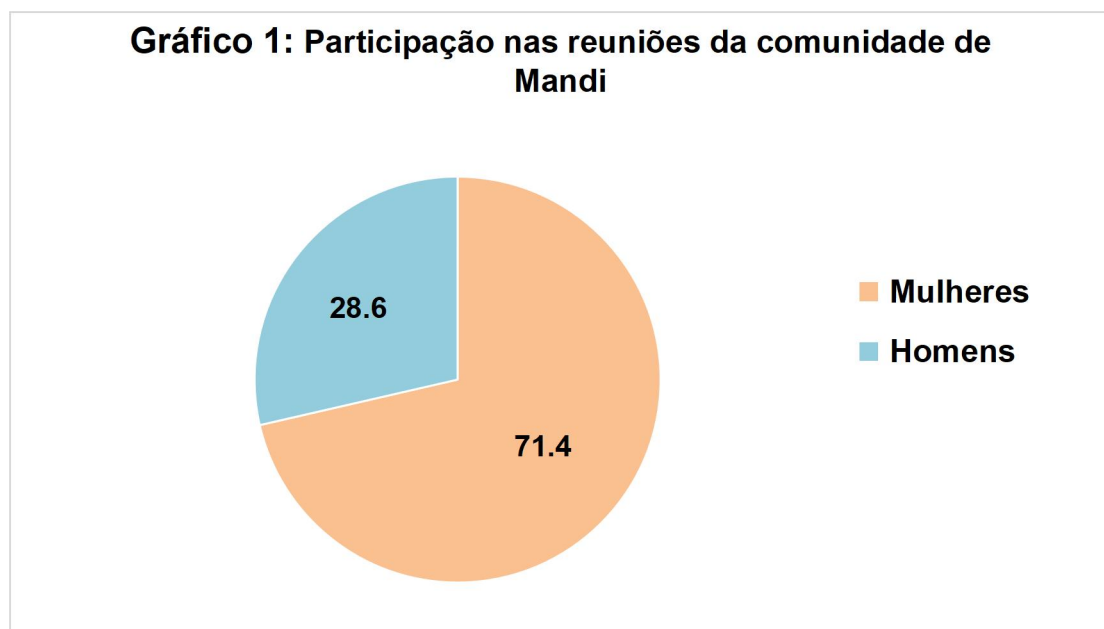
Logo avistei um grupo de pessoas: homens, mulheres, crianças e idosos reunidos próximos à antiga casa de farinha, hoje sede da associação. Fui recebida por uma jovem simpática, presidente da associação, que me convidou a entrar. Era 15h, e logo me senti abraçada e acolhida. Após os cumprimentos calorosos, peguei os lanches que havia levado, pensando no bem-estar dos moradores que dedicaram seu tempo para participar.

As rodas de conversa começaram com apresentações e agradecimentos, organizadas em um círculo para estimular a troca de saberes, vivências e experiências. As discussões revelaram desafios comuns às comunidades de fundo de pasto, como as de Mandi e Arara: ameaças externas ao território, perda de tradições culturais e ausência dos jovens em espaços comunitários e cargos associativos.

Ao final de cada encontro, realizei um lanche, e era comum que as mulheres trouxessem produtos para vender, como artesanatos, crochês, roupas e perfumes aproveitando o momento para complementar a renda.

Para facilitar a comunicação e respeitar a rotina dos participantes, criei um grupo no WhatsApp chamado *Rodas de Conversa Mandi*, que se mostrou essencial para avisos, ajustes de horário e imprevistos, como quando o transporte quebrou no caminho.

As rodas aconteceram na sede da Associação Agropastoril da Comunidade de Mandi, em três sábados consecutivos, sempre às 14h, com a participação de 14 pessoas, a maioria mulheres com mais de 36 anos (Gráfico 1).



Organizei dinâmicas com bexigas contendo perguntas norteadoras e brindes simbólicos, incentivando a participação de forma alegre e descontraída, em consonância com a metodologia de rodas de conversa como espaço horizontal de construção de saberes (Franco, 2005; Freire, 1983).

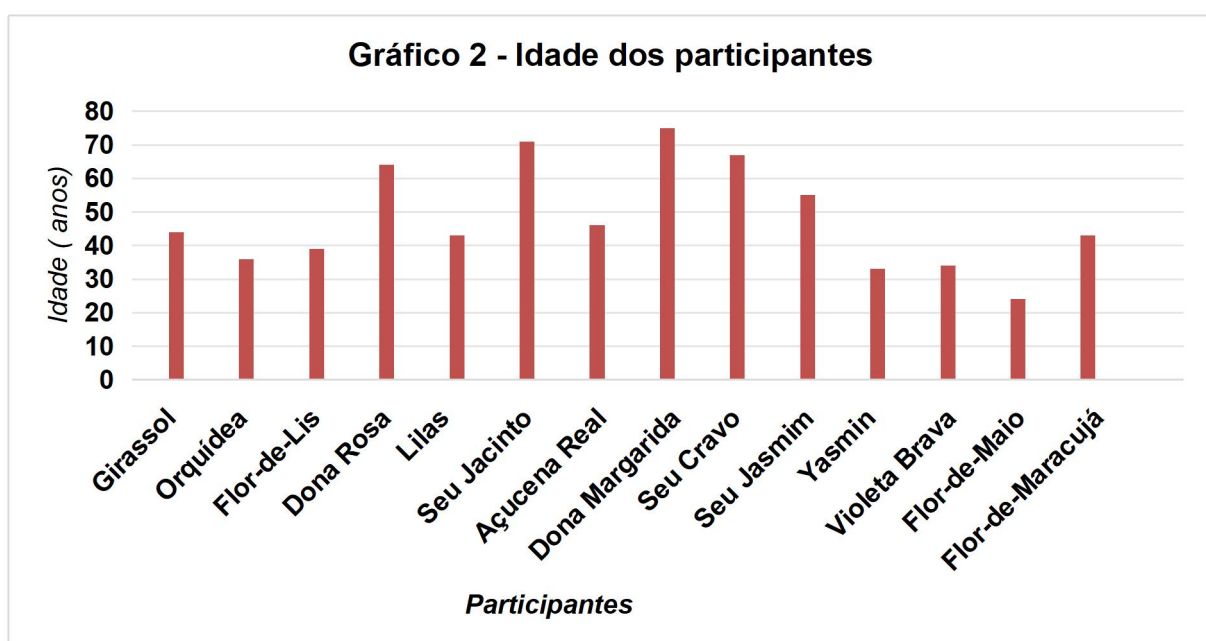
Essas dinâmicas geraram reflexões sobre temas como origem do nome Mandi, potencialidades, fragilidades, ameaças, conflitos, tradições culturais, rotina das famílias e saberes tradicionais. Os mais velhos participaram ativamente, narrando histórias e práticas do cotidiano, como o

uso de rezas para curar animais com bicheiras, um saber que eles aprenderam com os avós, mas que, infelizmente, não tem sido transmitido aos jovens. Essa constatação trouxe à tona a preocupação com a perda de valores e conhecimentos locais, seja por falta de interesse, engajamento ou oportunidade de despertá-los.

Outro ponto marcante foi a solidariedade entre comunidades vizinhas diante de invasões e ameaças ao território. Relatos mostraram que, historicamente, quando uma comunidade era atacada, as outras se uniam para defendê-la. Essa união é vital para resistir a empreendimentos que colocam em risco o modo de vida e a preservação dos recursos naturais.

As rodas de conversa, portanto, não apenas possibilitaram um diálogo intergeracional, mas também fortaleceram o sentimento de pertencimento e a consciência sobre a importância de preservar e transmitir os saberes e tradições. A experiência reafirmou que, mais do que registrar informações, é preciso criar espaços de escuta e valorização da memória coletiva para garantir que as próximas gerações conheçam e respeitem a história de seu território.

Durante os encontros, tornou-se evidente uma preocupação recorrente entre os participantes: o baixo engajamento da juventude nos espaços comunitários (Gráfico 2) e nas práticas culturais locais.



As falas indicaram que essa ausência não se restringia às rodas de conversa, mas também se manifestava no cotidiano em assembleias, festividades e na transmissão dos saberes tradicionais. Questionados sobre as causas, familiares, pais, mães e avós apresentaram diferentes interpretações: alguns atribuíram à falta de interesse dos jovens; outros, à carência de incentivo familiar e de oportunidades para a convivência com os mais idosos.

Essas falas suscitaram reflexões e indagações sobre as possíveis causas dessa baixa participação, deixando lacunas a serem investigadas. No entanto, a análise dos diálogos revelou que os jovens não estão totalmente ausentes, a percepção de ausência varia conforme a visão de cada morador e o espaço comunitário considerado. Para alguns, a expectativa é que os jovens estejam mais presentes nas reuniões e discussões, para outros, é aceitável que eles participem de forma seletiva, priorizando atividades que consideram mais atraentes, como eventos religiosos ou festividades, onde há maior possibilidade de socialização com outros jovens. Um exemplo significativo foi a constatação de que a presidente da Associação da Comunidade de Mandi é uma jovem de 24 anos, demonstrando que a juventude pode exercer papéis de liderança, ainda que em número reduzido.

Os poucos jovens presentes nas rodas de conversa também compartilharam suas perspectivas, mencionando que, em alguns momentos, tiveram poucas oportunidades de aprender sobre os saberes tradicionais, principalmente pela ausência de diálogos mais frequentes com os mais idosos. Isso evidencia que o fortalecimento dessas tradições envolve tanto o interesse dos jovens em aprender quanto a disponibilidade dos mais idosos em transmitir. As rodas de conversa mostraram-se valiosas nesse sentido, ao criarem um ambiente de escuta ativa que aproximou gerações, favorecendo o contato direto e a troca de experiências, vivências, aprendizados e curiosidades.

Essa abordagem dialógica, que valoriza o protagonismo dos sujeitos e seus saberes, é central nas metodologias participativas. Como destaca Gohn (2010), espaços como as rodas de conversa permitem o exercício da

cidadania, a escuta ativa e a produção coletiva de conhecimento. Dinâmicas criativas e lúdicas, segundo Oliveira (2014), também têm o potencial de romper barreiras entre gerações e promover o engajamento de grupos diversos.

Em cada encontro, observou-se maior participação numérica e discursiva dos mais idosos, enquanto os jovens, embora em menor número, ouviam com admiração, curiosidade e, em alguns casos, espanto ao conhecer saberes e histórias de sua própria comunidade que desconheciam. Isso reforçou a importância de transmitir tradições e conhecimentos para que não se percam com o tempo, preocupação que se intensifica diante de saberes e práticas já desaparecidos em Mandi, como o reisado e o bumba-meu-boi.

As causas dessa perda vão além da falta de interesse juvenil ou da ausência de transmissão oral. Há também a insuficiência de apoio externo, especialmente do poder público. A continuidade das tradições culturais exige, além do ensino e da vivência comunitária, suporte financeiro e logístico para aquisição de vestimentas, instrumentos e transporte para apresentações fora da comunidade.

Alguns exemplos mostram que a tradição ainda resiste, como a banda de pífano e os festejos de Santa Ana e Santo Joaquim padroeiros da comunidade, mantidos sobretudo pela liderança das mulheres. Entretanto, manter vivas essas expressões culturais demanda um olhar cuidadoso e o apoio efetivo da Secretaria Municipal de Cultura.

Portanto, a preservação das tradições culturais das comunidades de Mandi e de outras comunidades tradicionais de Andorinha depende de um apoio institucional contínuo e efetivo. Essas comunidades desempenham um papel crucial na conservação da biodiversidade e na manutenção de práticas culturais que são transmitidas de geração em geração. No entanto, a falta de apoio institucional tem contribuído para o enfraquecimento e, em alguns casos, para a perda dessas tradições. É fundamental que a gestão municipal, por meio da Secretaria de Cultura, implemente políticas públicas que

reconheçam e valorizem essas comunidades, garantindo o fortalecimento de suas práticas culturais e a preservação de seu patrimônio.

5.2 Surgimento da Associação Agropastoril da Comunidade Fundo de Pasto de Mandi.

As comunidades tradicionais de fundo de pasto, ao longo do tempo, enfrentaram inúmeros ataques de grileiros, que, aproveitando-se de brechas legais e da ausência de fiscalização, invadiam territórios pertencentes às famílias. Essa realidade não foi diferente em Mandi e Arara, ambas marcadas por invasões e conflitos pela posse da terra. Recordo como se fosse hoje a luta de nossas famílias na defesa do território e a necessidade de resistir para existir. Foi nesse contexto que as comunidades buscaram apoio jurídico para garantir o direito de permanência, o que levou à fundação das Associações Comunitárias. Essas entidades, constituídas como organizações sem fins lucrativos, foram essenciais tanto na mediação dos conflitos quanto na conquista do título de terra, documento que assegurou a posse legal e o usufruto coletivo das áreas.

A experiência reforça a relevância das associações, que naquele período de intensas ameaças foram fundamentais para a proteção do território e continuam, até hoje, desempenhando um papel central. Além de serem espaços de organização social, decisão e escuta ativa, constituem os principais instrumentos de mediação de conflitos internos e externos, além de garantir acesso a políticas públicas que beneficiam as famílias.

Atualmente, faço parte da direção da comunidade de Arara e procuro contribuir de diferentes formas, pois compreendo a importância de defender o território. Por isso, destaco a necessidade de a juventude devolver às suas comunidades, através do conhecimento adquirido, aquilo que pode fortalecer nossas raízes. Assim como eu, que tenho um profundo sentimento de pertencimento à minha terra natal, muitos jovens conquistam seus objetivos fora, mas não rompem os vínculos com suas comunidades. Mesmo trabalhando em outros lugares, sigo presente, mantendo a conexão com Arara e reafirmando minhas raízes.

Da mesma forma, em Mandi há jovens que precisaram se afastar em busca de renda, mas que permanecem ligados ao território, carregando consigo o mesmo sentimento de pertencimento que sustenta a resistência e a continuidade de nossas tradições.

Durante os encontros, construiu-se um espaço de escuta e troca de saberes, onde os participantes compartilharam memórias, vivências e reflexões sobre a vida na comunidade. As atividades despertaram maior interesse, especialmente entre os mais idosos que se destacaram nos relatos. A presença de diferentes faixas etárias favoreceu uma rica troca intergeracional, permitindo que os mais jovens conhecessem histórias e tradições antes desconhecidas.

Em cada palavra pronunciada, era perceptível o orgulho de pertencer àquele lugar. Nas vozes firmes, destacavam-se as lutas travadas para garantir a sobrevivência e a permanência no território, transmitindo, simultaneamente, ricos detalhes sobre saberes e práticas tradicionais. No entanto, essas narrativas também revelavam apreensão e medo de que tais memórias possam se perder, deixando de ser contadas às futuras gerações. Essa inquietação me tocou, pois me vi refletida nessas histórias, recordando as lutas vividas pela minha própria comunidade, Arara.

Ao ouvir os relatos, recordei as tradições que ao longo do tempo, se perderam em Arara, como a famosa quebra de milho e certas rezas que, por códigos de transmissão, não puderam ser repassadas aos mais jovens. Algumas práticas, entretanto, ainda resistem, como o ritual de apagar o fogo em caso de incêndio realizado com o uso de uma palha e palavras específicas, transmitidas apenas a sucessores escolhidos, geralmente quando os guardiões originais já não podem mais executá-lo. Há também os “multidões”, grupos de homens e mulheres que se reúnem para ajudar vizinhos na bata de feijão. Contudo, essa prática tem diminuído não só em Arara, mas também em outras comunidades, devido a fatores como as mudanças climáticas e a escassez de chuvas, que reduzem as plantações.

Foi nesse contexto que surgiu, com força, a preocupação com o distanciamento da juventude em relação às tradições comunitárias. As falas revelaram diferentes percepções: alguns destacaram que muitos jovens não demonstram interesse em aprender, enquanto outros apontaram que, em muitos casos, não houve oportunidade de receber esse conhecimento devido à falta de diálogo com os mais idosos. Assim, reforçou-se a importância de criar mais espaços de encontro, onde o diálogo seja constante e a aproximação entre gerações seja natural.

Nesse debate, surgiram relatos significativos:

Girassol: *“Os jovens hoje em dia não têm interesse por essas coisas da comunidade.”*

Violeta-Brava: *“Eu chamo meus filhos, mas eles preferem ficar no celular.”*

Orquídea: *“É falta de interesse mesmo.”*

Dona Rosa: *“Acho que não é bem falta de interesse. É que os pais também precisam incentivar mais os seus filhos.”*

Flor-de-maio: *“É força de vontade. Desde pequena, eu ia com minha mãe nas reuniões e fui aprendendo.”*

Essas diferentes visões, embora baseadas em experiências pessoais diversas, convergem em uma preocupação comum, o distanciamento dos jovens das tradições comunitárias. Naquele momento, compartilhei minhas próprias vivências e reflexões. Assim como Flor-de-maio, comecei ainda criança a acompanhar meus pais nas reuniões, aprendendo sobre a organização e as práticas da comunidade. Hoje, atuo na direção comunitária, seguindo um caminho semelhante ao dela, que, aos 24 anos, ocupa a presidência da associação, uma conquista que reflete não apenas sua força de vontade, mas também o incentivo materno e a rica transmissão de saberes que recebeu ao longo da vida.

A fala de Violeta-Brava sobre o uso do celular abriu espaço para uma discussão mais ampla. Como professora, vivencio diariamente os desafios do uso excessivo de dispositivos móveis pelos jovens, mesmo diante da Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, que regulamenta o uso de aparelhos eletrônicos na educação básica. Embora a tecnologia seja uma ferramenta essencial para a comunicação e aprendizagem, a questão central está na forma e na intensidade de seu uso.

Assim, é fundamental que as comunidades também se tornem atrativas para os jovens, utilizando a tecnologia a seu favor. Isso pode ocorrer por meio de cursos e atividades que integrem as habilidades tecnológicas à preservação cultural, como divulgar festas tradicionais (Santana e São Joaquim), bandas de pífano, artesanato local (crochê, chapéus de palha e de couro) e produtos agrícolas nas redes sociais. Dessa forma, promove-se a valorização das tradições e a visibilidade da comunidade, aproximando a juventude de sua própria realidade.

Minhas percepções, enquanto professora e liderança comunitária, foram compartilhadas nas rodas de conversa com o objetivo de promover reflexões sobre o afastamento da juventude e incentivar estratégias coletivas para aproximá-la dos espaços comunitários, engajando-a na preservação das tradições culturais de forma respeitosa e participativa. Nesse contexto, percebeu-se que a maior parte das observações sobre os jovens partiu de participantes com mais de 44 anos, embora também estivessem presentes jovens, predominantemente mulheres acima de 24 anos.

Durante os diálogos, foram apontados diversos fatores que contribuem para esse distanciamento, como a influência da globalização, o avanço das tecnologias, o acesso à educação superior, a necessidade de estudar ou trabalhar fora e o vínculo com a origem. Esses elementos, aliados ao processo de modernização que atinge comunidades como Mandi e Arara, têm impacto direto na continuidade das práticas culturais e na transmissão dos saberes tradicionais, mostrando que a preservação das tradições exige atenção tanto da juventude quanto das gerações mais idosas.

Em contrapartida, os participantes mais idosos demonstraram forte sentimento de pertencimento, narrando com orgulho tradições como a banda de pífano, os festejos religiosos de Santana e São Joaquim e atividades de subsistência, como a criação de caprinos. Esse apego evidencia o valor simbólico do território e a importância da memória comunitária, lembrando o relato de Silva sobre um morador idoso da comunidade tradicional de Fundo de Pasto Queixo Dantas, em Campo Formoso, que, mesmo com a família residindo em Juazeiro/BA ou em outros estados, afirma não conseguir viver afastado de seu território.

“Quando tudo ainda era caatinga... este é meu prazer, tem dias que saio aqui nesta capoeira olhando meus trabalhos velhos, onde eu trabalhei, os trabalhos de meu pai, os tocos de pau onde ele cortava, eu tenho prazer de sair olhando, sabe?” (João Justino, 2019, p. 29).

Esse sentimento também é visível entre os moradores mais velhos de Mandi/Andorinha: as terras não são apenas bens materiais, mas símbolos de afetividade e memória. Contudo, eles reconhecem que o tempo e as transformações no modo de vida impactam os saberes tradicionais e a relação das futuras gerações com o território.

O relato de “Girassol ” ilustra outra dimensão desse desafio:

“Eu mesmo, infelizmente, tenho que deixar minha esposa e meu filho cuidando da nossa casa, das cabras e galinhas para ir trabalhar fora. Só daqui não se tira tudo, então tenho que acrescentar a renda. Enquanto estou fora, minha esposa e meu filho cuidam de tudo, inclusive participam das reuniões da associação. A cada dois meses a empresa me libera para vir ver minha família, e, quando retorno, ajudo no que for preciso na comunidade.”

Em seu relato, a necessidade de trabalhar fora não comprometeu o vínculo com a comunidade; ao contrário, ele expressa o desejo de que o filho possa crescer no território sem precisar buscar oportunidades externas. Esse contexto ressalta a importância de políticas públicas direcionadas à juventude, capazes de promover a permanência no espaço comunitário e fortalecer a identidade local. Ainda assim, fatores como as mudanças climáticas têm

agravado a situação, reduzindo a produtividade agrícola e forçando famílias a buscar renda em outras atividades, inclusive em mineradoras, apesar dos riscos e conflitos que essas empresas representam para o território. Muitos moradores expressam o desejo de evitar que seus filhos sigam esse caminho, sonhando com alternativas econômicas sustentáveis que mantenham os jovens na comunidade, garantindo a continuidade das tradições e saberes locais.

Silva (2022) também registra que, na comunidade de Queixo Dantas, localizada em Campo Formoso, muitas vezes as mulheres assumem a responsabilidade pelo cuidado dos animais quando os homens se ausentam para trabalhar em outras cidades. Em um dos casos narrados, uma moradora utilizou ervas medicinais para tratar uma cabra intoxicada, encontrada sem movimentos na serra, evidenciando o papel fundamental das mulheres na preservação de práticas e saberes tradicionais.

É comum que as mulheres assumam a frente do criatório de animais. Como relata Dona Vandeley, em entrevista concedida em 2019:

“Eu é porque gosto, aí fico querendo que eles (se referindo aos filhos) fiquem à frente e eles não querem, porque não gostam, aí ficam dizendo que aqui não presta pra criar, mas aqui tem eu, tem umas sobrinhas minhas. Acontece também dos homens trabalharem fora, aí as mulheres ficam em casa e cuidam dos animais.”

Segundo Silva (2022), um dos principais fatores que contribuem para o desestímulo dos homens à criação de animais é a necessidade constante de buscar trabalho em outras localidades, principalmente nos polos irrigados e na Agrovale, no município de Juazeiro. Esse movimento migratório não segue periodicidade fixa, mas acompanha a demanda de mão de obra nesses locais. Além disso, outro fator apontado refere-se aos grandes prejuízos iniciais sofridos pelos criadores devido a ataques de onças, considerando que a comunidade faz divisa com o Parque Nacional do Boqueirão da Onça. Apenas posteriormente foram construídos apriscos próximos às residências, garantindo proteção aos animais durante a noite.

Na comunidade de Mandi, a saída de alguns homens para trabalhar em outras regiões ocorre, sobretudo, para complementar a renda, já que a produção local sozinha não é suficiente para garantir o sustento das famílias. Essa situação evidencia a necessidade de compreender a dinâmica específica de cada comunidade, considerando fatores econômicos, ambientais e sociais que influenciam a organização produtiva e a permanência no território.

Nesse contexto, destaca-se o protagonismo feminino nas comunidades de Fundo de Pasto. Assim como observa Dantas (2024) ao estudar as mulheres quilombolas na organização territorial de Águas do Velho Chico, em Orocó-PE, as mulheres desempenham papel central tanto na manutenção do território quanto na participação em espaços externos. Historicamente, muitas tiveram suas vozes silenciadas e seus direitos negados, mas, por meio de lutas contínuas, conquistaram espaço e visibilidade, assumindo funções essenciais para a preservação de saberes, práticas culturais e da própria organização comunitária.

Na comunidade de Mandi, as mulheres desempenham funções essenciais na organização social, ocupando a maioria dos cargos na associação, incluindo a presidência, atualmente liderada por uma jovem de apenas 24 anos. Além das atividades administrativas, elas coordenam os festejos dos padroeiros, Santa Ana e São Joaquim, celebrados durante o Dia dos Avós, entre 23 e 26 de julho, na capela da comunidade. Esses festejos, de forte caráter religioso, reúnem moradores locais e de comunidades vizinhas, preservando tradições como a apresentação da banda de pífano e encerrando as celebrações com dança e alegria. A participação ativa de mulheres e jovens nas rezas e na preparação de alimentos vendidos para arrecadar fundos destinados à manutenção das capelas evidencia a colaboração entre gerações e reforça o engajamento comunitário.

Esse envolvimento também reflete o sentimento de pertencimento e a valorização da memória oral, elementos fundamentais para a preservação da identidade cultural. Nesse contexto, durante os encontros comunitários, surgiram diferentes hipóteses sobre a origem do nome “Mandi”, evidenciando

como histórias e lembranças transmitidas ao longo do tempo ajudam a fortalecer os vínculos com o território e a identidade local:

Dona Margarida recorda: *“A gente sempre ouviu dizer que o nome veio do rio Mandi, que passa aqui pertinho.”*

Já Dona Rosa apresenta outra versão: *“Pra mim, o nome veio por causa do mandi, que era um peixe muito encontrado por aqui antigamente.”*

Seu Jacinto, sócio mais antigo da associação, com 71 anos, afirma: *“O povo diz que foi o peixe ou o rio, mas eu lembro que o nome Mandi já era usado antes disso. O peixe deu nome ao rio, mas o nome do lugar é mais antigo que os dois.”*

O morador conhecido como Girassol também compartilha: *“Em diálogo com meus avós, eles relataram que, quando chegaram a estas terras, o nome Mandi já existia. Não acho que foi por causa do peixe, mas sim pelos primeiros moradores que aqui viveram, os quais não tiveram tempo de explicar sua origem.”*

Essas diferentes versões, embora divergentes, evidenciam a relevância da oralidade como meio de transmissão dos saberes e como fonte legítima da história local. Entretanto, a ausência de registros sistematizados dessas narrativas contribui para o enfraquecimento da memória coletiva, sobretudo entre as novas gerações.

Segundo Lopes (2018), a oralidade é o principal instrumento de transmissão de saberes e da história nas comunidades de Fundo de Pasto, atuando como elo entre as gerações e ferramenta de resistência cultural frente às ameaças externas. De forma semelhante, Candau (2008) ressalta que a memória social e cultural é construída nas práticas cotidianas e nos relatos orais, que carregam sentidos e identidades coletivas.

No caso da Comunidade de Mandi, há percepções distintas sobre a origem do nome: moradores idosos tendem a associá-lo aos primeiros habitantes, enquanto os mais jovens defendem a hipótese de que tenha se originado de um peixe chamado mandi, que teria chegado ao rio durante uma enchente e dado nome à comunidade. Até hoje, não há consenso ou

documento que comprove a verdadeira origem, apenas hipóteses baseadas na memória oral.

Essa diversidade de interpretações demonstra a riqueza da oralidade como instrumento de preservação da memória, mas também reforça a importância de registrar essas histórias. Mesmo que transmitidas oralmente, é fundamental gravá-las e preservá-las em acervos comunitários ou meios digitais, como YouTube e Instagram, para que não se percam com o tempo e possam ser acessadas pelas novas gerações.

Para Paulino e Almeida (2016), a oralidade não é apenas um meio de preservação da história, mas também um mecanismo de afirmação identitária e resistência das comunidades tradicionais frente ao apagamento cultural. Santos (2012) alerta que o que não é registrado tende a se perder, especialmente quando as novas gerações se afastam dos espaços comunitários. Oliveira (2020) complementa que a juventude se torna um elo frágil quando não participa diretamente da construção da memória coletiva, comprometendo a transmissão das experiências comunitárias.

Em contraste com Mandi cuja origem do nome permanece incerta, a comunidade de Arara, à qual pertence, tem sua história mais definida. O nome foi dado pelos primeiros moradores, pais das tias de minha mãe, que transmitiram oralmente que a denominação está ligada à presença de araras, aves que habitavam a região em grande quantidade. Com o povoamento, esses pássaros se afastaram. Assim como Mandi possui um rio de mesmo nome, Arara conta com uma aguada chamada de “Arara Velha” é preservada como patrimônio material da comunidade. Além disso, há uma casa com mais de 250 anos, construída pelos primeiros moradores e transmitida por várias gerações; atualmente, ela abriga a sede da Associação da Comunidade de Arara, sendo também preservada como patrimônio material.

Esse contexto evidencia a importância da conservação dos patrimônios históricos das comunidades de Fundo de Pasto, garantindo que essas referências culturais e históricas não se percam ao longo do tempo. Durante as rodas de conversa, foi lembrado que a história recente

de Mandi está marcada pela resistência às tentativas de grilagem de terras prática comum no semiárido baiano, envolvendo falsificação de documentos e violência simbólica e física para expulsar comunidades tradicionais. Ao contrário de Arara, que teve seus terrenos regularizados por meio de cotas doadas, Mandi garantiu sua permanência por meio de mobilização coletiva e enfrentamento direto às ameaças externas.

Comunidades vizinhas desempenharam papel crucial, oferecendo apoio logístico, político e emocional. Essa rede de solidariedade foi determinante para consolidar a permanência no território e impulsionar a criação da Associação Agropastoril da Comunidade de Mandi, referência na defesa de direitos territoriais.

De acordo com Almeida (2008), a união entre comunidades tradicionais é estratégia essencial de resistência, fortalecendo laços sociais e permitindo ações conjuntas mais eficazes. Brandão (2020) acrescenta que o sentimento de pertencimento ao território também é forjado nas experiências de luta e na partilha de narrativas que reafirmam a identidade coletiva.

Embora Mandi tenha conquistado a regularização fundiária, o processo foi marcado por embates intensos contra grileiros, situação semelhante à de Arara. Nessas comunidades, os moradores idosos conheciam os limites de suas áreas individuais ou coletivas e identificavam seus confrontantes, delimitando-os por caminhos estreitos, chamados “variantes”.

Recordo-me vividamente da luta contra um vizinho fazendeiro que, de forma gradual, avançava sobre o território da comunidade. Na calada da noite, homens e mulheres se uniram para derrubar cercas e resistir à invasão, dando início a uma mobilização que culminou na criação da Associação Comunitária — um passo decisivo para garantir a posse coletiva da terra da Comunidade de Arara. De maneira semelhante, em Mandi, herdeiros de antigos moradores tentaram reivindicar áreas da comunidade; no entanto, com apoio externo e da própria comunidade, as famílias resistiram e

fundaram sua própria associação, consolidando a defesa de seu território e fortalecendo a organização social local.

Além da grilagem, outras ameaças rondam esses territórios, como grandes empreendimentos, mineradoras e parques eólicos. Muitas vezes apresentados como oportunidades, esses projetos geram conflitos internos e impactos ambientais, afetando solos, fauna, flora e até a saúde das famílias (Silva, 2020).

Assim como ocorre nas comunidades de Mandi e Arara, as famílias temem e resistem à entrada de empreendimentos em seus territórios, pois esses conflitos representam uma fragilidade que afeta diretamente a vida e a organização das comunidades de Fundo de Pasto.

Durante o encontro, os moradores relataram fragilidades, como a preocupação com o afastamento da juventude. Filhos, netos e bisnetos serão os responsáveis por dar continuidade a práticas tradicionais como o manejo da terra, a criação de caprinos e ovinos, a confecção de chapéus de couro e palha, o crochê e o artesanato local. A perda desse vínculo ameaça a preservação cultural.

No entanto, também foram identificadas potencialidades capazes de transformar essas fragilidades em fortalezas. Entre as propostas, destacou-se a criação de estratégias para atrair os jovens aos espaços comunitários, utilizando ferramentas como grupos de mensagens e encontros presenciais. Oficinas conduzidas por lideranças e apoiadas por sindicatos e políticas públicas poderiam fomentar a transmissão de saberes e aproximar a juventude da sua própria identidade.

Conforme Silva (2020), a regularização fundiária vai além do reconhecimento legal, exigindo condições para preservar modos de vida locais e respeitar a organização interna das comunidades. Nesse sentido, registrar, valorizar e transmitir as histórias de luta e memória é uma estratégia essencial para assegurar o futuro das comunidades tradicionais de Fundo de Pasto.

5.3 Potencialidades e fragilidades

As comunidades de Fundo de Pasto desempenham um papel fundamental, pois são ricas em saberes tradicionais, tradições e valores, além de possuírem territórios extensos com fauna e flora diversificadas. É importante destacar essas potencialidades, em especial na Comunidade de Mandi, que foi o locus da pesquisa, e na minha comunidade de Arara, imprescindível mencioná-la por ser o local a que pertenço. Ambas possuem territórios amplos, utilizados pelas famílias para usufruto coletivo, principalmente na criação de caprinos e na garantia da subsistência.

Observou-se que a Comunidade de Mandi não possui cercamento em sua área coletiva, principalmente devido à extensão do território e ao alto custo que isso demandaria, o que a torna mais vulnerável a ameaças e invasões. Por outro lado, Arara já conta com seu território cercado, oferecendo maior proteção.

Cada comunidade apresenta sua própria organização específica. Como pesquisadora e, ao mesmo tempo, liderança da minha comunidade, foi possível observar de perto ambas as realidades, identificando diversas fragilidades comuns, como a ausência dos jovens em alguns espaços comunitários. No entanto, Mandi se destaca em relação a Arara quanto à participação juvenil, sendo mais expressiva, enquanto em Arara o número de jovens envolvidos ainda é bastante reduzido.

No que se refere às tradições, Mandi, apesar das perdas, ainda resiste na manutenção de suas práticas culturais, como as rezas, que continuam sendo transmitidas às gerações mais novas. Em Arara, a luta é maior para preservar o que restou, pois muitos idosos e guardiões das rezas já faleceram sem repassá-las, tornando a preservação das tradições um desafio constante.

Em minha atuação, busco manter viva a história de Arara. Atualmente, suas maiores potencialidades são a associação comunitária, a criação de

caprinos e a implementação de tecnologias sociais, como a captação de água, essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento da comunidade.

Durante o encontro, a troca de experiências evidenciou a importância de registrar sistematicamente as informações, contemplando tanto as dificuldades enfrentadas quanto os aspectos que fortalecem a identidade e a organização comunitária. Mais do que um simples momento de registro, aquele espaço se transformou em um ambiente de liberdade, onde o povo pôde compartilhar histórias de luta e vivências, narradas com riqueza de detalhes sobre o modo de vida local.

Foi perceptível que o povo resiste por amor à terra e ao que ela representa não apenas um território, mas toda uma vida, carregando um profundo sentimento de pertencimento. É dali que tiram o sustento para a sobrevivência e que cultivam seus laços e preservam suas tradições. Ficou evidente para me, que estar junto a eles também foi revisitar minha própria história, pois encontrei acolhimento, como o de uma mãe que recebe um filho. Compartilhamos naquele espaço momentos de vivências e riquezas, mas também de desafios, narrando as potencialidades e fragilidades da comunidade de Mandi. Cada encontro parecia um capítulo de uma história sem fim.

Embora a comunidade de Mandi tenha sido regularizada, o processo foi marcado por embates contra a grilagem prática ilegal de apropriação de terras por meio da falsificação de documentos (Silva, 2020). Durante essa luta, comunidades vizinhas de Fundo de Pasto prestaram apoio, fortalecendo a resistência coletiva contra a tentativa de usurpação do território.

No início, a associação da comunidade de Mandi era composta apenas por homens, o que refletia uma participação limitada. Com o tempo, a inclusão das mulheres no processo organizativo fortaleceu a comunidade, ampliando o diálogo e a representatividade nas decisões. Como aponta Silva (2020), a regularização fundiária de comunidades tradicionais vai além do reconhecimento legal, exigindo também condições para preservar os modos

de vida locais, respeitando suas formas de organização e o uso sustentável da terra.

Esses conflitos com grileiros marcaram a história de diversas comunidades tradicionais de Fundo de Pasto. A comunidade de Arara, por exemplo, também enfrentou ataques. Geralmente, essas investidas ocorriam de forma intensa, mas cada comunidade lidava com elas segundo sua própria organização familiar, ocupando terras tradicionalmente destinadas à criação extensiva de caprinos e ovinos para subsistência. Os idosos conheciam bem seus confrontantes e sabiam até onde iam os limites de suas áreas individuais ou coletivas. Esses limites eram demarcados por caminhos estreitos, de onde se retiravam plantas rasteiras, conhecidos como “variantes”.

Os confrontantes eram vizinhos ou proprietários de terras ao lado dos Fundos de Pasto. Lembro-me como se fosse hoje de uma dessas lutas, que ainda permanece viva em minha memória. Eu era criança quando presenciei o conflito: um fazendeiro vizinho começou a invadir aos poucos, de forma disfarçada, a área que separava suas terras das nossas. Até que, numa noite, homens e mulheres da comunidade derrubaram as cercas, iniciando uma luta incansável. Foi assim que começou o processo para obter o título coletivo das terras. As famílias foram orientadas a fundar uma associação para fortalecer o diálogo e garantir a defesa do território. Assim nasceu a Associação Tradicional Fundo de Pasto Arara, que até hoje atua como porta-voz dos direitos da comunidade e fortalece a organização social.

Da mesma forma, moradores de Mandi relataram, em rodas de conversa, conflitos com grileiros muitas vezes herdeiros de antigos moradores que, ao retornar das grandes cidades, invadiam o território. A luta foi travada, inicialmente, apenas pelos homens, com apoio solidário de comunidades vizinhas. Também houve a necessidade de criar a associação, que hoje é fundamental tanto para sócios quanto para demais moradores.

Infelizmente, não apenas comunidades de Fundo de Pasto enfrentam esses conflitos, quilombolas e povos indígenas também resistem para existir.

Além da grilagem, grandes empreendimentos como mineradoras e parques eólicos se apresentam como novas ameaças, muitas vezes com propostas aparentemente vantajosas, mas que podem gerar conflitos internos e graves consequências, desde problemas de saúde até impactos ambientais no solo, flora e fauna.

Silva (2020) descreve alguns dos impactos causados por torres de energia eólica em comunidades. No caso de Mandi, os moradores expressam medo, angústia e preocupação, especialmente em relação aos jovens seus filhos, netos e bisnetos que serão responsáveis por dar continuidade aos saberes tradicionais, como o manejo da terra e do gado, a confecção de chapéus de couro e de palha, o crochê e o rico artesanato local.

Apesar das fragilidades, também foram identificadas várias potencialidades que poderiam transformar fraquezas em fortalezas. Entre as estratégias propostas nas rodas de conversa estão:

Criar grupos no WhatsApp para jovens da comunidade, incentivando encontros presenciais e oficinas sobre as potencialidades locais. Buscar parcerias com sindicatos e políticas públicas para financiar oficinas e atividades culturais. Desenvolver canteiros coletivos com apoio das secretarias de Agricultura e Cultura, aproximando os jovens do contato direto com a terra. Convidar representantes municipais para dialogar e apresentar propostas que incluam a participação juvenil. No entanto, desafios como a influência de grupos partidários permanecem como fragilidade interna.

Para Seu Jasmim, a situação exige atenção do poder público:

“Falam muito sobre preservar a cultura, mas sem dinheiro para investir, como vamos manter as festas, os saberes e até mesmo a nossa produção?”

A falta de financiamento compromete o desenvolvimento da comunidade, como alertou Orquídea:

“Sem apoio, muitos acabam desistindo, e isso enfraquece nossa luta pela terra e pelos nossos direitos.”

Os moradores reforçam que o apoio público é essencial para suprir as necessidades de cada família. Flor-de-Maio afirmou:

“A gente luta para manter as nossas práticas vivas. O apoio do poder público é fundamental para obter recursos e continuar plantando, criando os animais e produzindo do jeito que aprendemos.”

Entre as tradições, o chapéu de couro (Figura 06) se destaca como forte potencialidade. Flor do Maracujá contou com orgulho que essa tradição vem de seus antepassados, ajudando no sustento da família e resistindo ao tempo. Esse artesanato é comercializado em municípios como Andorinha, Monte Santo e Senhor do Bonfim, sendo símbolo de resistência, identidade cultural e pertencimento.

Figura 6: Chapéu de couro



Fonte: Silva (2025)

Para me, o chapéu de couro representa a tradição do vaqueiro, laços familiares e respeito. Sempre que vejo um, lembro de meu avô, que hoje, com 86 anos, não pode mais montar, mas ainda carrega o orgulho de ser vaqueiro. Essa tradição segue viva na família, com meus tios e primos, e se expressa em eventos como a tradicional “pega de boi”, realizada todo mês de agosto em Andorinha, reunindo multidões para celebrar essa herança cultural.

As pegas de bois são uma tradição cultural característica da região Nordeste, representando a bravura e a habilidade dos vaqueiros. Nessa prática, os bois são soltos no mato fechado da caatinga, e os vaqueiros, montados a cavalo, competem para ver quem consegue pegar o animal primeiro e derrubá-lo no chão sem soltá-lo. O vencedor garante o primeiro lugar, recebendo como premiação um troféu e uma quantia em dinheiro. O evento é celebrado com aplausos, música de toada e um churrasco, marcando um momento de alegria coletiva.

Apesar de algumas tradições culturais terem se perdido ao longo do tempo, muitas ainda permanecem vivas, embora de forma mais fragilizada, variando de acordo com cada comunidade. Um exemplo de tradição que se perdeu na comunidade de Mandi é o “bumba meu boi”. Por isso, é fundamental a transmissão de saberes para as futuras gerações. Ainda existem iniciativas de preservação, como o uso do chapéu de couro pela família de Dona Flor do Maracujá e a pega de boi realizada pelo tio da autora. Contudo, muitas práticas têm enfraquecido, seja pela pouca participação dos jovens, pela falta de apoio financeiro, pela ausência de parcerias ou pela escassa assistência dos órgãos municipais e de suas secretarias inclusive da área cultural que, segundo os moradores, deveriam oferecer mais apoio e atenção.

Flor do Maracujá relata: “Eu crio caprinos, ovinos, mas a minha paixão mesmo é galinha (Figura 07). Eu amo criar galinhas, mas hoje meu filho que cria mais, porque tenho que trabalhar fora. Antes eu criava as galinhas como minha mãe: soltas, e dormiam em cima das árvores.” Esse depoimento evidencia uma prática tradicional no manejo de aves, ao mesmo tempo em que revela as mudanças necessárias para se adaptar às condições atuais.

Flor do Maracujá, por sua vez, afirma: *“Hoje eu crio minhas galinhas confinadas por causa também dos predadores; a gente tem que ter bastante cuidado. Eu tive oportunidade de acessar o Agro Amigo e, através dessa política pública, veio o crescimento da minha criação de aves. Quando a gente acessa a política pública, tem um certo acompanhamento: alguns agrônomos nos orientam sobre como cuidar melhor. Além de criar para*

consumo, vendo ovos e carne tanto na comunidade quanto fora, pois são muito procurados. Também estou investindo na criação de codornas.”

Figura 7: Criação de galinhas



Fonte: Silva (2025)

A experiência de Flor do Maracujá demonstra a importância da extensão rural nas comunidades de Fundo de Pasto. Essa atuação oferece educação não formal e técnicas de manejo que aumentam a rentabilidade, facilitam o acesso a políticas públicas e contribuem para a permanência dos moradores especialmente os jovens no campo. Além disso, reforça o papel da agricultura familiar como elo entre tradição e inovação.

No caso de Flor do Maracujá, a criação de galinhas não apenas garante renda, mas também fortalece a transmissão de saberes, já que seu filho segue seus passos. A comercialização de ovos e carnes atende à comunidade e à demanda externa, com destaque para a qualidade dos produtos. O acesso ao programa de microcrédito rural do Banco do Nordeste, o Agro Amigo, viabilizou inovações e reduziu prejuízos, servindo como exemplo para outros agricultores.

Flor do Maracujá explica que o acesso ao programa é mediado por entidades como o SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar) e pela FETRAF-BA (Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Estado da Bahia). Para participar, é necessário ser sócio do sindicato e pagar uma mensalidade. Embora algumas políticas

públicas sejam direcionadas apenas aos associados, outras beneficiam agricultores familiares em geral. A forma de acesso e os tipos de benefícios variam de acordo com as necessidades e interesses de cada beneficiário, podendo ser individuais como no caso do crédito de custeio.

Açucena Real traz um exemplo do cotidiano: *“Fui na cidade receber meu Bolsa Família, aproveitei para pagar as contas e comprar algumas coisas. Carne não comprei porque matamos um bode ontem, verduras peguei no quintal, mas levei umas bananas para os meninos.”* Sua fala, além de mostrar a tranquilidade da vida no município de Andorinha, revela a importância da produção própria para o sustento da família e aponta para o papel das políticas de transferência de renda.

Orquídea relata: *“Só da criação de galinhas e caprinos não vivo. Eu também faço crochê; às vezes levo para feiras de artesanato, mas geralmente vendo por encomenda ou aqui mesmo. Para mim, o crochê é mais uma terapia. Aprendi na escola, em oficinas de artesanato, e depois com uma mulher da comunidade. Hoje ensino minha filha.”*

Flor-de-lis relata: *“Eu mesma faço a Garantia-Safra para plantar milho e feijão, mas às vezes fico triste porque, quando a chuva atrasa, perco grande parte da plantação e ainda tenho que disputar o que sobra com periquitos e outros passarinhos.”* O Garantia-Safra é um seguro que assegura uma renda anual de R\$ 1.200 a pequenos produtores em caso de perdas provocadas pela seca. Na comunidade, essa política é amplamente utilizada, contando com o apoio das secretarias municipais de Agricultura e do sindicato no processo de cadastramento. Para manter o benefício, o agricultor deve pagar uma taxa anual e efetivamente realizar o plantio, sob risco de perder o direito caso não cumpra as regras.

Entre as criações, os caprinos (Figura 08) são os animais mais representativos nas comunidades de Fundo de Pasto, por serem nativos da caatinga e adaptados ao clima.

Figura 8: Criação de caprinos

Fonte: Silva (2025)

Entretanto, períodos de seca provocam escassez de alimentos, obrigando os agricultores a investir do próprio sustento para comprar ração, especialmente quando as árvores perdem as folhas. Esse período coincide, muitas vezes, com as crias, exigindo maior assistência nutricional. Quando falta leite, é comum oferecer leite de vaca, seja comprado ou doado por vizinhos uma prática que reforça a solidariedade e o compadrio característicos dessas comunidades.

Jacinto relata sua rotina e cuidados com os animais: *“Mesmo aposentado, ainda crio meus bichinhos soltos. Bem cedinho os solto, e no fim da tarde, quando o sol se põe, eu os prendo. Quando falta algum, vou à serra verificar se está doente ou se deu cria. Se deu cria, a raposa pode comer, então preciso agir. Com medo de ser picado por uma cascavel, vou com cuidado. Se vejo algum animal do vizinho, e estiver saudável, aviso-o; se estiver bicheira, rezo.”* Esses cuidados refletem não apenas saberes tradicionais transmitidos entre gerações, mas também valores de fé e solidariedade que fortalecem os vínculos comunitários.

Essa mesma postura de cuidado e união esteve presente na luta da comunidade contra a grilagem, como relembra Jacinto: *“Tivemos que lutar muito para ficar aqui. Os grileiros começaram a invadir nossa área, então nos unimos, homens daqui e de comunidades vizinhas, e fomos defender nossas terras. Depois de vencermos, fomos informados pelos homens da lei que*

precisávamos nos organizar e formar uma associação. O delegado de terras nos alertou que ainda poderiam tentar tomar nosso título.” O relato evidencia não apenas os conflitos enfrentados, mas também a força da articulação entre as comunidades vizinhas. Um ponto que chamou atenção, até então desconhecido por muitos presentes, foi o papel do delegado de terras homens conhecedores das leis, responsáveis por mediar disputas e orientar sobre a importância da formalização. Foi nesse contexto que a criação da associação se tornou uma estratégia fundamental de organização social, garantindo representação legal perante órgãos competentes e assegurando o reconhecimento da posse coletiva das terras.

Fruto direto dessa mobilização, a Associação da Comunidade de Mandi é hoje uma entidade sem fins lucrativos, mantida por mensalidades simbólicas pagas pelos sócios. Ela representa legalmente as terras coletivas, assegurando o usufruto e o respeito aos direitos de todos, atua na mediação de decisões e conflitos, internos e externos, e serve como canal de acesso a políticas públicas. Nenhuma decisão importante é tomada sem o conhecimento dos sócios e a aprovação da assembleia geral, preservando o espírito de união que motivou sua criação.

A vigilância sobre o território permanece ativa, como lembra Flor do Maracujá: *“Um dia, Seu Jacinto me chamou porque viu um homem com um aparelho na mão, parecendo que estava fazendo algo em uma propriedade individual. Fomos até lá, e eles disseram que era de uma empresa. Informamos que ali não pertenciam empresas e pedimos que fossem embora. Logo em seguida, se retiraram.”* O episódio revela uma fragilidade que persiste: a presença de empresas, como mineradoras, que podem ameaçar famílias, tradições culturais e saberes locais.

Para além das lutas pela terra, o cotidiano dos moradores de Fundo de Pasto é marcado pela solidariedade e pelo cuidado mútuo. Orquídea descreve sua rotina: *“Acordo bem cedinho, ainda meio turva, e começo a varrer os terreiros enquanto os meninos acordam. Faço o café no fogo, solto cabras e ovelhas, dou milho às galinhas e alimento os cabritos enjeitados. Depois que os meninos acordam, dou banho neles, preparo o café, levo-os à*

estrada para pegar o ônibus escolar. Ao retornar, arrumo a casa, preparo o almoço para o marido que chega da roça. Em seguida, busco os meninos na escola, coloco-os para ajudar com os animais, dou banho neles, preparo a janta. Após o jantar, quando todos descansam, assisto à novela que gosto, acompanho a lição dos meninos e, ao final do dia, eles me abençoam antes de dormir.” Essa fala evidencia o papel central das mulheres no cuidado com a família e no manejo dos animais, preservando o respeito e a fé no dia a dia, ao mesmo tempo em que convive com elementos da modernização, como eletricidade, internet e água encanada, já presentes em Mandi.

Girassol complementa, trazendo a questão da água como desafio constante: *“Com a chegada das cisternas de bica na nossa comunidade, a situação melhorou muito. Ainda assim, sofremos durante a seca e precisamos complementar com água comprada. Para complementar a renda, tenho que trabalhar fora, deixando minha mulher e meu filho cuidando da casa e do rebanho. Quando posso, volto para ficar com eles. Apesar disso, não me vejo morando fora, longe de minha família e das terras onde nasci, cresci e quero morrer.”*

Também é fundamental desconstruir a visão equivocada de que as comunidades de Fundo de Pasto não oferecem oportunidades. Pelo contrário, delas vêm alimentos saudáveis produzidos pela agricultura familiar, e políticas públicas possibilitam que muitos agricultores tenham sua própria renda. Entre essas políticas, destacam-se as cisternas de bica, que exemplificam tecnologias sociais encaminhadas pelos sindicatos às associações locais, que, por meio de reuniões, organizam a distribuição às famílias beneficiárias. Essas cisternas são essenciais para a captação e armazenamento de água durante o período de chuvas. No entanto, segundo relatos dos moradores, em períodos de seca prolongada, ainda é necessário adquirir água, representando um desafio, pois é preciso garantir o abastecimento tanto para as famílias quanto para os animais.

Observa-se, portanto, que mesmo com essas tecnologias sociais, a comunidade enfrenta os impactos das mudanças climáticas, que afetam não apenas os seres humanos, mas também os animais que dependem da água

para sua sobrevivência, reforçando a importância do apoio contínuo e das políticas públicas voltadas para a sustentabilidade do território.

Outro grande desafio enfrentado pela comunidade é o impacto ambiental e social causado pela atuação da empresa Ferbasa na região . A exploração de mineração de cromo em Andorinha , por meio de lavra ao céu aberto e subterrâneo , tem provocado destruição da vegetação nativa, contaminação da água e degradação do solo , afetando diretamente a vida dos moradores. Além dos danos ambientais, a comunidade denuncia invasões de terras sem autorização, ameaças e a omissão dos órgãos ambientais . Segundo Dona Margarida, a situação tem se tornado insustentável.

A gestão ambiental também envolve a criação de animais e a produção agropecuária , colocando em risco a subsistência das famílias. A contaminação da água tem sido um dos problemas mais graves, resultando na morte de rebanhos e aumentando os gastos da comunidade com a compra de água para consumo e produção . Como relatou Seu Jacinto : "*A gente cria os bichos com muito esforço, e agora eles estão tão morrendo porque não tem água limpa pra beber.*" A falta de água também prejudica o solo, tornando o solo menos fértil e diminuindo as áreas de pastagem. Para Dona Rosa , as mudanças são visíveis: "*Antes, a gente tinha açude cheio o ano todo, mas agora seco. Se não comprar água, não tem como viver aqui.*"

Diante desse cenário, a comunidade reforça a necessidade urgente de fiscalização e medidas que protejam o território e os recursos naturais . Como alertou Seu Cravo : "*Se ninguém fizer nada, eles vão acabar com a terra, com a água e com a gente também.*" Segundo Carvalho (2018) , os conflitos entre comunidades tradicionais e grandes empresas resultam frequentemente na exploração descontrolada dos recursos naturais , evidenciando a necessidade de uma ação mais firme dos órgãos ambientais e do poder público para garantir a proteção ambiental e os direitos da população local .

Apesar dessa realidade, a comunidade de Mandi, em Andorinha, mantém vivas suas tradições culturais e produtivas, que garantem não apenas a identidade local, mas também a subsistência das famílias. Entre as manifestações culturais, destaca-se a Festa de Santa Santana, um evento de grande importância religiosa e social. Durante a celebração, acontecem missas, procissões e apresentações de pífano, um instrumento tradicional que anima a festividade e reforça a musicalidade popular. Segundo Dona Margarida, *"A gente se junta todo ano pra celebrar Santa Santana, com muita reza e som de pífano. É uma tradição antiga que traz alegria pra nossa comunidade.* Outra prática preservada na comunidade é a produção de crochê (Figura 09), realizada exclusivamente pelos moradores mais velhos e jovens.

Figura 9: Confeccção de crochê



Fonte: Santos (2025)

Esse conhecimento artesanal tem sido passado de geração em geração, mas não há muitos jovens interessados em aprender, o que preocupa aqueles que mantêm a tradição. Dona Rosa, que aprendeu o ofício com sua mãe, comenta: *"Hoje, só as mais velhas fazem crochê. Os jovens não querem aprender, e a gente teme que essa arte se perca com o tempo."* Além disso, a comercialização das peças ocorre apenas entre os moradores locais, sendo uma atividade restrita à própria comunidade. Como explica Dona Margarida, *"A gente faz tapete, toalha, enfeite, mas vende só aqui mesmo, entre nós. Não tem apoio pra levar pra vender em outros lugares."*

Na área produtiva, a criação de galinha caipira e cabras se destaca como uma importante fonte de renda e segurança alimentar. Os moradores utilizam métodos tradicionais para criar os animais de forma sustentável,

aproveitando os recursos locais. Seu Jacinto, criador experiente, conta: *"Criar galinha e cabra ajuda muito. A gente vende ovos, leite e de vez em quando um animal pra ter um dinheirinho extra."* O leite de cabra também é utilizado na produção de queijos e outros derivados, garantindo variedade na alimentação da comunidade.

Essas práticas demonstram a resiliência da comunidade de Mandi , que, apesar das dificuldades, segue preservando seus costumes e sustentando-se com base na cultura e na produção local. De acordo com Silva (2021), a valorização das práticas tradicionais e o incentivo às economias locais são fundamentais para a manutenção dos modos de vida das comunidades rurais , garantindo não apenas a permanência no território, mas também o fortalecimento da identidade cultural. O apoio e a criação de políticas públicas externas para essas atividades podem garantir ainda mais autonomia e desenvolvimento sustentável para a população.

5.4 Tradições e práticas culturais:

Os Festejos de Nossa Senhora de Santana (Figura 10) , padroeira da comunidade de Mandi, em Andorinha, Bahia , acontecem entre os dias 23 e 26 de julho reunindo moradores locais e visitantes de comunidades vizinhas. A festividade, que é um dos eventos mais importantes da região, conta com missas, procissões, apresentações culturais e um leilão tradicional, que é um dos momentos mais aguardados da celebração.

Figura 10: Procissão da celebração de Santana



Fonte: Silva (2025)

Cerca de 150 pessoas participaram dos festejos , número que poderia ser ainda maior caso houvesse transporte disponível para os moradores de comunidades mais distantes . Como explica Seu Jacinto , *"Muita gente queria vir, mas sem transporte fica difícil. Quem não tem meio de chegar acaba perdendo a festa."*

O leilão, um dos momentos centrais da festividade, conta com a contribuição principalmente da própria comunidade local, que leiloa animais de sua criação, produtos agrícolas e artesanatos para arrecadar fundos e fortalecer as atividades da igreja. Segundo Dona Margarida , *"O leilão só acontece porque a gente se junta pra ajudar. Cada um dá um pouco do que tem, e assim a festa se mantém."*

Apesar dos desafios, como a falta de transporte e apoio logístico , os festejos de Nossa Senhora de Santana seguem como um importante símbolo de fé, união e cultura , reunindo a comunidade em um momento de devoção e celebrações. A continuidade dessa tradição depende do fortalecimento da organização comunitária e do reconhecimento da identidade do evento para a cultura da região.

De acordo com Silva (2022), "As festividades religiosas em comunidades rurais desempenham um papel essencial na preservação da cultura e no fortalecimento dos laços sociais, promovendo a união entre os moradores e incentivando a continuidade das tradições."

Mais do que um evento religioso, os festejos representam a força da comunidade, que, apesar das dificuldades, mantém viva sua fé e suas tradições,

O festejo de Santa Santana, que é a principal celebração religiosa da comunidade de Mandi e nem sempre tem a apresentação da banda de pífano , justamente pela falta de financiamento para figurinos, transporte e organização. Isso mostra como o apoio governamental tem sido seletivo, favorecendo eventos na sede do município, enquanto as manifestações culturais dentro da própria comunidade se enfraquecem e desaparecem.

A ausência dessa tradição em Mandi é uma grande preocupação para os moradores mais antigos, que temem que a cultura local se perca por completo. Como lamenta Seu Jacinto, *"Antes, a gente brincava, o Bumba Meu Boi aqui mesmo, na porta de casa. Hoje, não tem mais na nossa comunidade."*

Esse cenário deixa claro que a cultura popular depende de incentivos para continuar existindo, e que a falta de suporte pode levar ao desaparecimento de tradições centenárias. Como afirma Silva (2021), "A continuidade das manifestações culturais em comunidades tradicionais depende do reconhecimento e incentivo para que possam se fortalecer como patrimônio imaterial do povo." O fortalecimento dessas expressões culturais não pode depender apenas de eventos municipais, mas deve acontecer nas próprias comunidades, garantindo que seus moradores tenham condições de manter vivas suas tradições.

A comunidade de Mandi, possui um forte patrimônio cultural, mas muitas de suas tradições foram desaparecendo com o tempo devido à falta de incentivo, apoio financeiro e ao desinteresse das novas gerações. Além do pífano, que hoje acontece com mais frequência na sede do município durante o festejo de São Pedro, outra prática que já não existe mais, nem em Mandi nem nas comunidades vizinhas, é o Reisado.

O Reisado era uma prática religiosa profundamente enraizada na vida da comunidade de Mandi e também em outras comunidades rurais da região. Essa tradição consiste em encontros de oração coletiva, onde os moradores se reúnem para louvar os santos, agradecer as vitórias recebidas e pedir proteção em tempos difíceis, como períodos de seca, doenças ou outros desafios que afetavam a comunidade.

Uma característica marcante do Reisado era o seu caráter espontâneo e inesperado. Os grupos de rezadores costumam chegar de surpresa nas casas das pessoas, geralmente ao anoitecer, entoando cantos e orações. Os donos da casa recebiam os visitantes com alegria e imediatamente organizavam um pequeno altar improvisado, com imagens de santos, velas e

flores , para que as preces fossem feitas. Segundo Dona Margarida , *"A gente não sabia quando iam chegar, mas quando vinham era uma festa. Todo mundo parava o que tava fazendo pra participar."*

Após as orações, era comum que os anfitriões oferecessem um lanche comunitário, com café, biscoitos e comidas simples, fortalecendo o sentimento de união entre os participantes. Para muitos, o Reisado não foi apenas um momento de fé, mas também uma oportunidade de encontro e fortalecimento dos laços comunitários .

Apesar da sua importância, o Reisado deixou de ser realizado em Mandi e nas comunidades vizinhas , desaparecendo com o tempo. Um dos principais motivos para isso foi a falta de interesse das novas gerações , que não se mostrou disposta a aprender os cantos e orações tradicionais. Como lamenta Dona Rosa , *"Os jovens de hoje não querem saber essas coisas. A gente chamava, mas eles não vinham."*

Além disso, uma mudança na rotina das famílias também impactou a continuidade do Reisado. Antes, as famílias tinham mais tempo e disposição para se dedicarem às celebrações comunitárias, mas, com o avanço da tecnologia e novas formas de entretenimento, os encontros foram se tornando menos frequentes. Como explica Dona Margarida , *"Antes, o povo sentava junto pra rezar. Agora, cada um fica no seu celular e ninguém quer saber."*

O fim do Reisado em Mandi reflete um processo maior de mudança cultural nas comunidades rurais , onde práticas que eram passadas de geração em geração se enfraquecem diante da modernização e da falta de incentivo . Segundo Carvalho (2020) , a cultura popular é um patrimônio vivo, mas sem incentivo e sem transmissão entre gerações, ela se apaga, deixando um vazio na identidade das comunidades.

O desaparecimento do Reisado, assim como o fim do Bumba Meu Boi em Mandi, mostra a necessidade de preservação das manifestações culturais locais, garantindo que essas tradições não sejam esquecidas, mas

reconhecidas como parte essencial da história e identidade da comunidade . Como afirma Silva (2021) , a identidade de um povo está nas suas tradições. Quando elas desaparecem, parte da sua história também se perde.

Apesar do desaparecimento de algumas tradições, a Banda de Pífano segue como um dos símbolos culturais mais marcantes da comunidade de Mandi , especialmente durante os festejos de Santa Santana. Essa tradição musical é mantida pelos moradores mais antigos , que aprenderam a tocar o pífano ainda jovens e continuam passando o conhecimento para as novas gerações.

O pífano é um instrumento de sopro artesanal , semelhante a uma flauta, feita de bambu ou madeira , e é acompanhado por instrumentos de percussão, como caixa e zabumba , criando um som vibrante que anima as celebrações. Durante o festejo de Santa Santana, que acontece entre os dias 23 e 26 de julho , a banda se apresenta em momentos importantes da festividade, como a procissão, as novenas e os encontros comunitários .

A música da Banda de Pífano (Figura 11) não apenas embala as festas religiosas, mas também reafirma a identidade cultural da comunidade , sendo um elemento que resiste ao tempo. Como explica Seu Jacinto: *"Enquanto tiver força pra tocar, essa banda não vai acabar. O pífano é a alma da nossa festa."*

Figura 11: Banda de pífano



Fonte:Silva (2025)

Apesar da resistência dessa tradição, os músicos locais enfrentam desafios, como a falta de instrumentos novos e o pouco interesse dos mais

jovens em aprender a tocar . Dona Margarida , que sempre acompanhou as apresentações, destaca essa preocupação: *"Os mais velhos seguram essa tradição, mas e quando eles não puderem mais tocar? Se os jovens não aprenderem, a banda pode acabar."*

Ainda assim, a presença da Banda de Pífano na Festa de Santa Santana representa a força da cultura popular , mantendo viva uma parte essencial da história da comunidade. Como afirma Silva (2021) , as bandas de pífano são uma herança musical das comunidades tradicionais, garantindo a continuidade da memória e do pertencimento cultural. A valorização dessa tradição e o incentivo para que os mais jovens aprendam a tocar são fundamentais para que essa manifestação musical continue sendo parte da identidade de Mandi para muitas gerações.

Um aspecto aberto nos festejos de Santa Santana, em Mandi, é a forte participação dos moradores, especialmente aqueles que fazem parte da comunidade do Fundo de Pasto. No entanto, essa presença significativa na festa contrasta com a baixa participação dos mesmos moradores nas reuniões comunitárias externas para a organização da comunidade e a luta por seus direitos.

Durante os encontros para discutir temas como regularização fundiária, acesso a políticas públicas e desafios enfrentados pela comunidade , a presença dos moradores do Fundo de Pasto de Mandi é reduzida, o que compromete a tomada de decisões coletivas. Porém, nos dias da festa, a adesão é muito maior , com essas mesmas pessoas se fazendo presentes nas celebrações religiosas, no leilão e nos momentos de confraternização .

Essa diferença na participação chama a atenção dos organizadores e líderes comunitários, que reforçam a importância de engajar a população não apenas nos momentos festivos, mas também nos debates essenciais para a defesa do território e das tradições locais . Como destaca Seu Jacinto , *"Na hora da festa, todo mundo vem, mas quando a gente chama pra discutir as coisas da comunidade, quase ninguém aparece. Parece que o povo não entende que uma coisa depende da outra."*

Segundo Dona Margarida , essa realidade deve, em parte, à falta de informação sobre a importância das reuniões , mas também a um sentimento de desmotivação e desconfiança nas mudanças que podem ser alcançadas por meio da organização comunitária . Como ela explica, *"O povo acha que reunião não dá em nada, mas sem união a gente perde nosso direito."*

Essa situação reflete um desafio comum em comunidades rurais, onde as tradições culturais são preservadas com grande dedicação, mas a participação ativa em discussões e mobilizações políticas ainda precisa ser fortalecida . Como aponta Silva (2022) , a cultura e a organização comunitária devem caminhar juntas. Quando a comunidade se envolve apenas nos momentos festivos e se ausenta dos processos decisórios, perde-se uma oportunidade de fortalecer a luta coletiva e garantir direitos fundamentais.

5.5 Importância das rodas de conversa e do Podcast:

As rodas de conversa desempenham papel central na construção da identidade comunitária e no fortalecimento da organização social. Esses encontros possibilitaram a troca de saberes e experiências, permitindo reflexões sobre temas centrais, como a luta pela terra, os desafios da comunidade, a valorização das tradições culturais e a transmissão de conhecimentos práticos, incluindo manejo de animais, agricultura familiar e cuidados com a água.

Durante as rodas realizadas na comunidade de Mandi, percebeu-se que muitos moradores desconhecem a origem da comunidade. Ao serem questionados sobre a formação do território e os primeiros ocupantes, vários não souberam responder com precisão, evidenciando lacunas na transmissão da memória coletiva. Esse desconhecimento compromete o senso de pertencimento e a continuidade das lutas sociais, além de contribuir para o enfraquecimento de tradições culturais, como o bumba-meu-boi, que se perdeu, enquanto outras, como a confecção do chapéu de couro e as pegadas de bois, se mantêm graças à transmissão familiar.

A ausência de registros históricos acessíveis, a diminuição da oralidade entre gerações e a escassez de espaços formais de transmissão explicam, em parte, esse déficit. Sem vínculo com seu passado, a comunidade corre o risco de perder parte da identidade e da capacidade de se organizar e reivindicar direitos.

As rodas de conversa também são espaços de discussão sobre políticas públicas e tecnologias sociais, como cisternas de bica e programas de crédito rural, incluindo o Agroamigo. Nessas ocasiões, os moradores compartilham experiências de uso, enfrentamento da seca e solidariedade comunitária para garantir a subsistência. Relatos como o de Flor do Maracujá, sobre a criação de galinhas e acesso a políticas de apoio à agricultura familiar, evidenciam como esses encontros fortalecem o conhecimento técnico e a autonomia da comunidade.

Além disso, as rodas permitem abordar histórias de resistência e organização, como a luta de Jacinto contra grileiros e a criação da associação de posse coletiva das terras. Atualmente, a associação atua como entidade sem fins lucrativos, mediando decisões e promovendo acesso a políticas públicas, reforçando a importância da união comunitária, da solidariedade e da participação ativa dos jovens, que aprendem com os mais antigos e assumem responsabilidades na preservação do território e das tradições.

Outro ponto destacado foi a importância de manter vínculos com a comunidade mesmo ao buscar oportunidades educacionais e profissionais fora dela.

Assim, as rodas de conversa se consolidam como instrumentos essenciais para o resgate e preservação da história local, valorização dos saberes tradicionais, fortalecimento da juventude e promoção da organização social. Como aponta Silva (2022), compreender a origem de uma comunidade não se limita ao resgate histórico, sendo também um mecanismo de fortalecimento da identidade coletiva e de promoção da luta por direitos.

Incentivar e valorizar esses encontros é, portanto, crucial para garantir continuidade, resistência e fortalecimento comunitário.

5.6 Podcasts (produto final): registro e valorização da oralidade da comunidade:

O podcast gravado com moradores, tesoureira e sócios da comunidade (Apêndice I) mostrou-se ferramenta inovadora e estratégica para registrar, preservar e valorizar a memória e os saberes locais. Estruturado em três episódios de cerca de 30 minutos cada, com dois convidados por episódio, o podcast permitiu representar diferentes gerações, papéis sociais e experiências de vida dentro da comunidade.

Os episódios do podcast revelaram resultados significativos para a comunidade de Mandi. Primeiramente, fortaleceram o senso de pertencimento e a identidade coletiva, permitindo que moradores de diferentes gerações compreendessem e valorizassem a trajetória histórica do povoado. Além disso, contribuíram para a preservação de saberes tradicionais e práticas culturais, garantindo que conhecimentos cotidianos, como manejo de animais e produção artesanal, não se perdessem com o tempo.

Outro resultado importante foi o fortalecimento da reflexão sobre o futuro da comunidade, a resistência cultural e a importância das parcerias institucionais e das políticas públicas. O registro dessas experiências e estratégias comunitárias mostrou-se essencial para promover a continuidade da identidade local, incentivar a participação ativa dos moradores e consolidar a memória coletiva como instrumento de organização social e de valorização cultural.

Dessa forma, o podcast amplia o alcance das rodas de conversa e cumpre papel fundamental no registro da oralidade, garantindo que saberes, memórias e tradições não se percam. Ele se torna um instrumento de educação patrimonial, fortalecimento da memória coletiva e legitimação das

vozes comunitárias, reforçando o vínculo dos moradores com suas terras, histórias e identidade cultural.

Ao mesmo tempo, destaco a importância do PPGExR – Programa de Pós-Graduação em Extensão como uma ferramenta essencial, que contribui tanto para a produção de conhecimento quanto para a pesquisa aplicada. O programa proporciona um espaço colaborativo que articula ensino, pesquisa e extensão, criando um elo significativo entre pesquisadores e comunidade. Dessa forma, os resultados da pesquisa transcendem o âmbito acadêmico, tornando-se instrumentos de transformação social, pois são construídos a partir do diálogo com a comunidade estudada, gerando retornos práticos que fortalecem a identidade cultural, social e científica local.

O mestrado ofertado pelo PPGExR reforça e consolida a integração entre universidade e comunidade, promovendo impactos positivos e socialmente relevantes. O compartilhamento dos resultados será realizado tanto online, por meio da página e perfil do NEAFRRAR, quanto offline, incluindo a criação de um canal no YouTube voltado para a comunidade. Além disso, as apresentações ocorrerão nos próprios espaços comunitários, garantindo que aqueles sem acesso às redes sociais possam apreciar e se reconhecer na história de sua própria comunidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rodas de conversa mostraram-se ferramentas essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, permitindo uma escuta ativa entre a pesquisadora e os moradores da comunidade de Mandi. Esses encontros possibilitaram um diálogo aberto e detalhado sobre o modo de vida das famílias, a organização comunitária, bem como sobre as fragilidades e potencialidades existentes na comunidade, criando um espaço de compartilhamento e aprendizagem mútua.

Além da troca de conhecimentos entre os próprios moradores, as rodas de conversa possibilitaram reflexões profundas sobre a trajetória de vida, a luta pela terra e os desafios enfrentados ao longo do tempo. Esse processo contribuiu também para a valorização das tradições culturais e dos saberes locais, especialmente por meio das narrativas dos mais velhos, que servem de referência e inspiração para a juventude. No entanto, foi perceptível que os mais antigos demonstram preocupação com a continuidade desses saberes, indicando uma fragilidade recorrente não apenas em Mandi, mas em outras comunidades de fundo de pasto: o risco de perda das tradições e da memória coletiva.

Foi justamente a partir dessa preocupação que se evidenciou a necessidade de registrar as histórias da comunidade de forma concreta. Muitos relatos se perderam ao longo do tempo por não terem sido documentados, como é o caso da origem do nome da comunidade, conhecida apenas por hipóteses. Essa percepção guiou diretamente a elaboração do produto final deste trabalho: o podcast gravado, que materializa a preservação da oralidade e atende a uma demanda concreta da comunidade.

O podcast surgiu, portanto, da escuta ativa e do diálogo com os moradores, garantindo a transmissão das narrativas locais e valorizando experiências diversas. Ele evidencia a relevância do NEAFRRxPIBEX, que proporciona espaço para a discussão de temas significativos, permitindo que lideranças quilombolas, moradores de comunidades de fundo de pasto e

outros participantes compartilhem suas histórias, modos de vida e experiências cotidianas. Minha participação nos episódios permitiu levar não apenas minhas vivências, mas também as histórias de luta, resistência e representatividade da comunidade de Mandi.

O podcast *Vozes do Fundo de Pasto – Mandi* é essencial, pois oferece à comunidade um registro sonoro de sua história, abrangendo lutas, conquistas, resistências, tradições, saberes locais e a rotina dos moradores. Esse registro facilita a transmissão de conhecimento para as novas gerações, fortalecendo os laços comunitários e preservando a memória coletiva. Ao mesmo tempo, evidencia a importância de metodologias participativas e da valorização da oralidade como instrumentos de preservação cultural e de fortalecimento da identidade comunitária.

Dessa forma, este trabalho também contribuiu para a visibilidade da comunidade de Mandi e para o protagonismo de seus moradores, demonstrando que a escuta ativa e o registro das narrativas fortalecem a organização social e a resistência frente às ameaças históricas e contemporâneas. O título da dissertação, *“Enquanto tiver forças para tocar, essa banda não vai acabar”*, sintetiza essa reflexão, evidenciando as lutas, tradições, desafios e a capacidade de resistência da comunidade diante das adversidades, inspiradas pelas memórias e narrativas de seus moradores.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDULLAH, Khalid; NASIR, Fátima. **Conflitos territoriais e mudanças forçadas: um panorama global contemporâneo** . Damasco: Centro de Estudos de Povos em Resistência, 2020.

ALMEIDA, João; SANTOS, Maria. **Podcasts como ferramenta de educomunicação nas comunidades tradicionais do semiárido brasileiro**. Revista Brasileira de Comunicação, v. 15, n. 3, p. 45-59, 2021.

ALMEIDA, Maria José de Oliveira. **Território e resistência: comunidades tradicionais do semiárido baiano** . Salvador: EDUFBA, 2008.

ALMEIDA, Maria José de; MOURA, Cláudio. **Fundo de pasto, cultura e resistência: modos de vida no sertão baiano** . Salvador: EDUFBA, 2013.

ANDRADE, Margarida de Souza. **Sociabilidades e organização social em comunidades de fundo de pasto no sertão baiano** . Salvador: EDUFBA, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** . São Paulo: Edições 70, 2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória e identidade territorial: experiências de resistência nas comunidades tradicionais do sertão** . São Paulo: Expressão Popular, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória e identidade territorial: experiências de resistência nas comunidades tradicionais do sertão** . São Paulo: Expressão Popular, 2020.

BRASIL. Diário Oficial do Estado da Bahia. **Reconhecimento da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi** . Salvador, n. 22.063, 15 nov. 2015.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estimativas da população residente com dados de referência em 1º de julho de 2022**.

Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> . Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) . **Povos e Comunidades Tradicionais: Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável** . Brasília: MDA, 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Portaria nº 37, de 10 de novembro de 2015. **Define os limites dos Territórios de Identidade no Estado da Bahia** . Salvador: MDA, 2015.

BRASIL. Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI). **Relatório de comunidades certificadas como tradicionais no Estado da Bahia: 2017–2018** . Salvador: SEPROMI, 2018.

BRITO, Daniel Almeida de. **Reconhecimento e direitos dos povos e comunidades tradicionais no Brasil: uma abordagem socio jurídica** . Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

CANDAU, Vera Maria. **Cultura, identidade e diferença na educação** .Petrópolis: Vozes, 2008.

CARVALHO, José Raimundo Souza. **Conflitos territoriais e cultura camponesa: resistência e luta pela terra nas comunidades do Fundo de Pasto da Bahia** . Salvador: EDUFBA, 2018.

CARVALHO, José Raimundo Souza. **Territórios e identidades: comunidades de fundo de pasto no sertão baiano** . Salvador: EDUFBA, 2008.

CARVALHO, José Raimundo Souza; SANTOS, Ana Paula dos. **Fundos de pasto: práticas e territórios da resistência camponesa no semiárido baiano** . Salvador: UFBA, 2019.

CASTRO, Ana Cláudia; MENEZES, João Paulo. **Saberes tradicionais e territorialidade na Amazônia: experiências de resistência ribeirinha.** Revista Brasileira de Geografia Cultural, v. 11, n. 2, p. 75–89, 2019.

CONCEIÇÃO, Maria das Graças dos Santos. **Educação e culturas tradicionais: saberes e resistências** . Salvador: Editora da UNEB, 2023.

COSTA, Marília. **Territórios tradicionais e organização coletiva: experiências de uso comum da terra no Brasil.** Revista Brasileira de Geografia Cultural, v. 10, n. 2, p. 88-103, 2018.

COTRIM, José Alberto. **Conflitos pela terra no semiárido: o caso dos fundos de pasto na Bahia** . In: SEMINÁRIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 1991, Recife. Anais... Recife: UFPE, 1991.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Povos tradicionais no Brasil: territórios e direitos**. 2. ed. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2009.

DANTAS, Ingrede Alves. **Contribuições das mulheres quilombolas na organização territorial da comunidade quilombola Águas do Velho Chico em Orocó-PE.** 2024. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Juazeiro, 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/complexo/Downloads/Ppgexr%20Ingrede%20Dantas%202024%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Vers%C3%A3o%20final%20Contribui%C3%A7%C3%B5es%20das%20mulheres%20\(1\)%20-%20ingrede.pdf](file:///C:/Users/complexo/Downloads/Ppgexr%20Ingrede%20Dantas%202024%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Vers%C3%A3o%20final%20Contribui%C3%A7%C3%B5es%20das%20mulheres%20(1)%20-%20ingrede.pdf). Acesso em: 14/07/2025

FERREIRA, José Antônio; SILVA, Luciana. **Podcast e memória: tecnologia como instrumento de fortalecimento cultural** . Revista Comunicação & Educação, São Paulo, v. 2, pág. 189–203, 2023.

FERREIRA, Luciana Batista. **Cultura popular e políticas públicas: a valorização das práticas tradicionais em comunidades rurais do semiárido brasileiro** . Revista Sertão em Foco, Juazeiro, v. 2, pág. 77–93, 2021.

FONSECA, Luciana de Jesus. **Juventude e pertencimento: os desafios da permanência cultural em comunidades rurais** . Revista Brasileira de Educação do Campo, Brasília, v. 2, pág. 112–129, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da escuta: possibilidades para a escola contemporânea** . Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do oprimido** . 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GEOGRAFAR – Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia e Formação de Professores. **Território de Identidade do Sisal: dimensões espaciais e culturais** . Salvador: GEOGRAFAR/UNEB, 2017.

GERMANI, Guiomar; OLIVEIRA, Gilca Gonçalves de (Coord.). **Mapeamento das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto no Estado da Bahia: relatório técnico**. Salvador: UFBA/GeografAR/SEPROMI, 2020. 750 p.

GILLESPIE, Tarleton. **Custodians of the Internet: Platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e espaços públicos: tendências e perspectivas da cidadania ativa** . São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Luciana; REIS, Cláudio. **Comunidades rurais tradicionais do Sul do Brasil: práticas culturais e gestão coletiva da terra**. Revista de Estudos Rurais, v. 9, n. 1, p. 58–72, 2017.

LIMA, Jacira Santos de. **Tradição e contemporaneidade: juventudes rurais e o pertencimento territorial** . Salvador: EDUFBA, 2021.

LOPES, Denise Oliveira. **Narrativas orais como patrimônio imaterial nas comunidades de Fundo de Pasto** . Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

LÓPEZ, María. **Gestão ética de conteúdos digitais e direitos culturais das comunidades**. Revista Latino-Americana de Comunicação, v. 12, n. 2, p. 45-60, 2021.

MARQUES, Luana Carolina dos Santos. **Comunidades tradicionais de Fundo de Pasto: territórios, identidades e conflitos no sertão baiano** . Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

MARTINS, Ana Carolina. **A expansão dos podcasts no Brasil: entre oralidade e tecnologia**. São Paulo: Editora Comunicação, 2019.

MARTINS, André Luiz; FERREIRA, Clarice Dias. **Feiras agroecológicas e turismo de base comunitária: economia solidária e saberes tradicionais** . Revista Brasileira de Extensão Universitária, Belo Horizonte, v. 1, pág. 45–60, 2022.

MARTINS, Débora; FERREIRA, Tiago. Economia solidária e turismo de base comunitária: estratégias de resistência em territórios tradicionais. Revista de Políticas Públicas Rurais, v. 7, n. 3, p. 101–118, 2022.

MCCLAIN, Cara. **Podcasting as a tool for democratizing knowledge: an academic perspective**. Journal of Educational Media, v. 44, n. 1, p. 22-37, 2019.

MORRIS, Justin W.; PATTERSON, Emily. **Podcasting and its impact on radio**. Journal of Radio & Audio Media, v. 22, n. 2, p. 173-189, 2015.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Pinto de. **Educação e cultura no campo: juventude, memória e identidade em comunidades tradicionais** . Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Pinto de. **Educação e cultura no campo: juventude, memória e identidade em comunidades tradicionais** . Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia agrária e os fundamentos do campesinato no Brasil** . São Paulo: Expressão Popular, 1999.

OLIVEIRA, Camila; COSTA, Marcos. **Patrimônio cultural e território: o reconhecimento dos saberes tradicionais como direito coletivo**. Revista Brasileira de Patrimônio Cultural, v. 9, n. 2, p. 66–80, 2021.

OLIVEIRA, Raul Henrique da Silva. **Memória e juventude em territórios tradicionais: lacunas e caminhos possíveis** . Revista Sertão e Diversidade, Juazeiro, v. 1, pág. 22–38, 2020.

OLIVEIRA, Renata Tavares de; COSTA, João Paulo. **Patrimônio imaterial e comunidades tradicionais: reconhecimento jurídico e valorização cultural** . Revista de Antropologia da UFSCar, São Carlos, v. 3, pág. 87–102, 2021.

PAULINO, Eliane Terezinha. **Regularização fundiária e conflitos territoriais: os fundos de pasto na Bahia** . Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, v. 5, pág. 112–128, 2010.

PAULINO, Eliane Terezinha; ALMEIDA, Maria José de Oliveira. **Oralidade e resistência cultural: experiências em comunidades tradicionais** . Revista de Cultura e Sociedade, São Paulo, v. 2, pág. 145–161, 2016.

REIS, Rosângela; DINIZ, Cláudia; TEIXEIRA, Elenice. **Educação contextualizada: um instrumento de liberação no Semiárido brasileiro** . In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). Educação e vida no semiárido . Recife: ASA, 2010. p. 115–130.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil** . 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RIBEIRO, João Batista. **Educação e cultura popular: saberes, práticas e desafios** . São Paulo: Cortez, 2017.

SANTANA, Igor Leonardo de Oliveira. **Restrição inconstitucional do direito à regularização de terras das comunidades de fundo e fecho de pasto**. *Revista de Direito Agrário e Agroambiental*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 01-20, jul./dez. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul: a reinvenção do conhecimento e da emancipação social**. São Paulo: Cortez; Salvador: EDUFBA, 2007.

SANTOS, Edileuza da Conceição dos. **A luta pela terra no semiárido: grilagem, memória e resistência nas comunidades de fundo de pasto** . Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Edileuza da Conceição dos; ALMEIDA, Maria José de. **Comunicação popular e resistência: o papel do podcast em comunidades tradicionais** . *Revista de Cultura e Comunicação Popular*, Salvador, v. 1, pág. 33–49, 2020.

SANTOS, Edileuza da Conceição dos; OLIVEIRA, Marcos Vinícius de. **Juventude e identidade cultural: desafios nas comunidades tradicionais do semiárido baiano** . *Revista Cadernos do Campo*, São Paulo, v. 1, pág. 55–74, 2019.

SANTOS, Edileuza da Conceição dos; SANTOS, José Nilson dos. **Fundo de pasto e identidade: práticas socioculturais no sertão baiano** . Salvador: EDUFBA, 2019.

SANTOS, José Nilson dos. **A importância da oralidade para a memória coletiva em comunidades do sertão** . In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS RURAIS, 3., 2012, Brasília. Anais... Brasília: UNB, 2012.

SANTOS, José Nilson dos. **A luta pela terra no semiárido: grilagem, memória e resistência nas comunidades de fundo de pasto** . Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Valéria; ARAÚJO, Francisco. **Quilombolas e Fundos de Pasto: convergências territoriais e saberes tradicionais**. Cadernos de Território e Cultura, v. 5, n. 2, p. 33–49, 2020.

SILVA, Ana Carolina da. **As bandas de pífano como patrimônio cultural: música e resistência nas comunidades tradicionais** . Revista Cultura e Tradição, Salvador, v. 1, pág. 89–104, 2021.

SILVA, Ana Carolina da. **Cultura, fé e mobilização social nas comunidades do sertão baiano** . In: CONGRESSO NACIONAL DE CULTURA POPULAR, 5., 2022, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2022

SILVA, Ana Carolina da. **História oral e identidade coletiva: o papel das rodas de conversa em comunidades tradicionais do semiárido baiano** . Revista Cultura e Educação Popular, Salvador, v. 2, pág. 114–130, 2022.

SILVA, Ana Carolina da. **Saberes da Caatinga: práticas culturais e resistência nas comunidades de fundo de pasto** . Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Ana Paula; FERREIRA, Carlos Eduardo. **Oralidade e produção de conhecimento em podcasts comunitários: experiências do Neafrrar e do ETC**. Revista de Estudos Culturais, v. 10, n. 2, p. 78-92, 2021.

SILVA, Jaziel dos Santos. **A identidade de Fundos de Pasto: Conflitos, Território e Organização. 2022. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro, 2022**. Disponível em:
<https://portais.univasf.edu.br/ppgexr/trabalhos-de-conclusao/arquivos/dissertacoes-arquivos/2022-arquivos/dissertacao-jaziel.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2025.

SILVA, Juliana; ALMEIDA, Roberto. **Saberes do semiárido: práticas culturais e sustentabilidade em comunidades tradicionais**. Revista de Estudos Rurais, v. 12, n. 1, p. 34–51, 2020.

SILVA, Luciana; FERREIRA, João; ALMEIDA, Carla. **Podcast e saberes tradicionais: experiências em comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro**. Revista de Mídias Comunitárias, v. 8, n. 1, p. 55-70, 2021.

SILVA, Maria Aparecida da; ALMEIDA, Jorge Luiz de. **Tradição e sustentabilidade em comunidades do semiárido** . Revista Sertões, Juazeiro, v. 2, pág. 102–119, 2020.

SILVA, Maria Aparecida. **Processos de organização e resistência em comunidades tradicionais do Semiárido Baiano** . Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2022.

SMITH, Laura; JONES, Michael. **Podcasts and the preservation of intangible cultural heritage**. Journal of Cultural Heritage, v. 15, n. 4, p. 301-315, 2020.

SOUZA, Rosângela. **Conflitos fundiários no sertão baiano: impactos da mineração nas comunidades de fundo de pasto** . Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

TAVARES, Lúcia Maria; OLIVEIRA, Flávio Augusto. **Educação contextualizada e saberes locais: experiências em comunidades rurais** . Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2, pág. 78–95, 2020.

UNESP – **Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho** . **Impactos socioambientais de empreendimentos eólicos no semiárido baiano** . Revista FCT/UNESP, Presidente Prudente, v. 3, pág. 59–76, 2017.

8. APÊNDICE 1 - Roteiro do Podcast - Vozes do Fundo de Pasto

Fundo de Pasto de Mandi

O podcast *Vozes do Fundo de Pasto – Mandi* nasce do desejo de registrar e compartilhar as histórias, saberes e memórias da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, em Andorinha-BA. Através de conversas entre diferentes gerações, cada episódio revela a riqueza cultural local, os desafios enfrentados e a força da tradição que se mantém viva. Mais do que relatos, o podcast promove a valorização da identidade comunitária, fortalecendo os vínculos entre jovens e mais velhos e celebrando a história e os costumes que formam as raízes desta comunidade.

7.1 Identidade visual



7.2 Registro das gravações



1º Episódio: Gravação realizada com

Domingo Silva e Carlos Oliveira.

2º Episódio: Gravação realizada com Luciene e Eliana.



3º Episódio: Gravação realizada com Eliana e Josiane.



7.3 ROTEIRO - PodCast

Título: Vozes do Fundo de Pasto – Mandi

Tema central: “Enquanto tiver força pra tocar, essa banda não vai acabar” – Desafios, memórias e narrativas em rodas de conversa da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto Mandi, Andorinha-BA.

Episódio 1: *Quem somos? De onde viemos?*

| | |
|---|---|
| <p>Tema: Origens da comunidade e raízes culturais do povoado de Mandi</p> <p>Participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Carlos Oliveira (sócio) – 71 anos ■ Domingos (sócio) – 44 anos <p>Abertura: Boa noite! Damos início ao podcast <i>Vozes do Fundo de Pasto – Mandi</i> com o tema: “Enquanto tiver força pra tocar, essa banda não vai acabar”. Hoje recebemos dois membros da Comunidade de Mandi, o senhor Carlos Oliveira e Domingos Silva, para conversar sobre as origens do povoado e a importância de preservar e transmitir essa história para as próximas gerações.</p> <p>Perguntas da entrevistadora:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Como surgiu a comunidade de Mandi e qual a origem do seu nome? 2) Entre as versões conhecidas, qual vocês acreditam ser a mais fiel para explicar o nome “Mandi”? 3) Quem foi responsável por transmitir esse conhecimento ao longo do tempo? 4) Quais acontecimentos mais marcaram a história da comunidade de Mandi e ajudaram a moldar a identidade do povoado ao longo dos anos. | <p>Estrutura do episódio:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Abertura – 1 min ● Introdução ao tema – 1 min ● Perguntas – 2 min ● Respostas e comentários – 16 min ● Encerramento – 1 min ● Agradecimentos – 1 min <p>Duração total: 22 minutos</p> <p>Episódio 2: <i>O que é ser pertencente à Comunidade de Fundo de Pasto?</i></p> <p>Tema: Vivências, desafios e sonhos da comunidade</p> <p>Participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Luciene (moradora) ■ Eliane (Tesoureira) <p>Abertura:</p> <p>Boa noite! Iniciamos mais um episódio do <i>Vozes do Fundo de Pasto</i>. Hoje, vamos conversar sobre as vivências, os desafios e os sonhos da Comunidade de Mandi. Recebemos com alegria Luciene e Eliana, mulheres que vivem e atuam ativamente na comunidade.</p> <p>Perguntas da entrevistadora:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Como é a rotina de vocês como mulheres de uma comunidade de vocês como mulheres de uma comunidade de fundo de pasto? |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>2) Vocês produzem artesanato? Esse trabalho contribui para a renda familiar? Com quem aprenderam essa prática?</p> <p>3) Quantos sócios a Comunidade de Mandi possui atualmente? Todos participam ativamente? A evasão de membros representa uma ameaça para a comunidade?</p> <p>4) Quais são, na sua visão, as principais ameaças e conflitos que já afetaram ou ainda afetam a comunidade?</p> <p>5) Quais sonhos vocês desejam realizar para o desenvolvimento local?</p> <p>Estrutura do episódio:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Abertura – 1 min ● Introdução ao tema – 1 min ● Questionamentos – 3 min ● Respostas e comentários – 28 min ● Encerramento – 1 min ● Agradecimentos – 1 min <p>Duração total: 35 minutos</p> <p>3º Episódio: <i>Sonhos que vêm da Terra</i></p> <p>Tema: Futuro, cultura e resistência</p> <p>Participantes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Eliana (conselheira fiscal) ■ Josiane (tesoureira) <p>Abertura: Boa noite! Começa agora mais um episódio do <i>Vozes do Fundo de Pasto</i>.</p> | <p>Hoje vamos conversar sobre futuro, cultura e resistência na Comunidade de Mandi. Recebemos com alegria Eliana e Josiane, mulheres que atuam diretamente na vida comunitária e têm muito a compartilhar sobre a preservação das tradições e a busca por novos caminhos.</p> <p>Perguntas da entrevistadora:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Quais tradições culturais ainda permanecem vivas na comunidade e quais se perderam ao longo dos anos? 2) Existe parceria com a Secretaria de Cultura do município de Andorinha? Se sim, de que forma ela contribui para manter essas tradições? 3) Quais políticas públicas estão em vigor e como elas colaboram para o desenvolvimento da comunidade? <p>Estrutura do episódio:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Abertura – 1 min ● Introdução ao tema – 1 min ● Questionamentos – 3 min ● Respostas e comentários – 32 min ● Encerramento – 1 min ● Agradecimentos – 2 min <p>Duração total: 40 minutos</p> <p>Algumas perguntas surgiram de forma espontânea, acompanhando as respostas dos moradores.</p> |
|--|---|

